

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA**

**FESTIVAL DE CIRANDAS DE MANACAPURU: DO SOCIOCULTURAL
AO EDUCACIONAL**

MANAUS/AM

2021

ROBSON FRANÇA FRANCISCO RODRIGUES

**FESTIVAL DE CIRANDAS DE MANACAPURU: DO SOCIOCULTURAL AO
EDUCACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), para obtenção do título de Mestre. Área de concentração - Linha 1: Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais na Amazônia.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Selda Vale da Costa.

Manaus - Amazonas

2021

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

R696f Rodrigues, Robson França Francisco
Festival de Cirandas de Manacapuru: do sociocultural ao educacional. / Robson França Francisco Rodrigues . 2021
103 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Selda Vale da Costa
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Cirandas. 2. Manacapuru. 3. Sociocultural. 4. Educação. I.
Costa, Selda Vale da. II. Universidade Federal do Amazonas III.
Título

ROBSON FRANÇA FRANCISCO RODRIGUES

**FESTIVAL DE CIRANDAS DE MANACAPURU: DO SOCIOCULTURAL AO
EDUCACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), para obtenção do título de Mestre. Área de concentração - Linha 1: Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais na Amazônia.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Selda Vale da Costa.

Manaus, 30 de agosto de 2021

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Selda Vale da Costa - UFAM
Orientadora e Presidente da Banca

Prof. Dr. Sergio Ivan Gil Braga
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Prof. Dr. Vicente José Vicente de Souza Aguiar
Universidade do Estado do Amazonas -UEA

Dedico

A minha estimada esposa Simone, que sempre me apoiou nessa trajetória. Pela paciência e afeto durante os meses de elaboração da pesquisa.

Ao meu amado filho Vinícius, a quem procuro dar exemplos de que a fé e a perseverança são capazes de nos fazer transpor obstáculos e vencer qualquer desafio.

A minha querida mãe Iracildes, eterna fonte de inspiração, força e fé.

Em memória de meu pai José, que nesse período de pandemia nos deixou.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Selda Vale da Costa, meu sincero e profundo agradecimento, por tudo aquilo que me ensinou, pela maneira ética e profissional com a qual conduziu o processo de orientação, pelo respeito, carinho e amizade que me incentivaram e me levantaram nos momentos mais difíceis dessa jornada que termina.

Agradeço acima de tudo a minha esposa Simone, pela compreensão e amor durante todo o desenvolvimento desta pesquisa, acreditando em mim quando eu mesmo duvidava.

À minha mãe Iracildes e a meu filho Vinícius, pelo carinho e compreensão nas minhas ausências, que me apoiam em tudo que faço, pelo amor e respeito inabaláveis.

Aos cirandistas Gaspar Fernandes Neto, Antônio Ailson Cavalcante de Amorim e Renato Conde Teles, por abrirem as portas de suas respectivas cirandas, e pela disposição em fornecer informações relevantes a esta pesquisa e me auxiliarem a compreender o processo de criação das apresentações no Festival de Cirandas de Manacapuru.

À Secretaria de Estado de Educação e Desporto (SEDUC) por permitir de bom grado a participação dos professores e funcionários das escolas de Manacapuru na pesquisa.

Agradeço também a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) pela cedência para conclusão da pesquisa através do programa Qualifica sob a coordenação da professora Aldrey Noronha Ramos Oliveira.

Ao Programa Sociedade e Cultura na Amazônia, todos os seus professores e corpo administrativo, que me impulsionaram sempre ao caminho da pesquisa.

Ao meu pai (in memoriam) que dedicou grande parte de sua vida ao carinho e zelo, incentivando-me sempre a estudar.

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.

Paulo Freire (1987)

RESUMO

A presente pesquisa propõe uma abordagem diferenciada sobre o Festival de Cirandas de Manacapuru, voltado para os aspectos socioculturais e educacionais da festa. Inicialmente, aborda o Festival como manifestação cultural, sendo visto como voz social, pois é uma maneira do povo expressar sua cultura, seu modo de pensar, agir, fazer e realizar suas atividades do dia a dia. Dessa forma, analisa as transformações históricas do Festival de Cirandas, pois as cirandas do município tiveram sua origem em escolas públicas, e a partir de 1997 saíram do âmbito das instituições escolares e passaram a representar as comunidades locais, ganhando personalidade jurídica e um festival próprio. Em seguida, as contribuições socioculturais do Festival, pois é uma festa que nas últimas décadas serviu de denúncias dos problemas socioambientais e também auxiliando no desenvolvimento de Manacapuru e, principalmente, vem contribuindo para a construção de uma identidade cultural, por meio da cultura e de informações, que são divulgadas durante os três dias de espetáculo. Por fim, reflete sobre a importância e contribuição desse Festival no campo escolar, a relação existente entre as cirandas e as escolas fundadoras, mostrando como as temáticas das cirandas são desenvolvidas nas escolas e como essa relação entre os dois segmentos poderia ser melhor aproveitada.

Palavras-chave: Cirandas, Manacapuru, Sociocultural, Educação.

ABSTRACT

This research proposes a new look at the Festival de Cirandas de Manacapuru, focused on the sociocultural and educational aspects of the festival, presenting a discussion about it. Initially, it approaches the Festival as a cultural manifestation, being seen as a social voice, as it is a way for the people to express their culture, their way of thinking, acting, doing and carrying out their daily activities. In this way, it analyzes the historical transformations of the Festival de Cirandas de Manacapuru, as the city's cirandas had their origins in public schools, and from 1997 they left the scope of school institutions and began to represent local communities, gaining legal personality and a festival itself. Then, the sociocultural contributions of the Festival, as it is a party that in recent decades has served as denunciations of socio-environmental problems and has also helped in the development of Manacapuru and, mainly, has been contributing to the construction of a cultural identity, through culture and information, which are released during the three days of the show. Finally, it reflects on the importance and contribution of this Festival in the school field, the relationship between the cirandas and the founding schools, showing how the themes of the cirandas are developed in schools and how this relationship between the two segments could be better used.

Keywords: Cirandas, Manacapuru, Sociocultural, Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Galpão de ensaio da Ciranda Guerreiro Mura – 2019.....	24
Figura 2: Destaque da Ciranda Flor Matizada – 1997	29
Figura 3: Principal alegoria da Ciranda Tradicional – 30/08/2019.	31
Figura 4: Torcida organizada da Ciranda Flor Matizada – 20/09/2018.....	32
Figura 5: Escola Estadual José Mota – 2019, com bandeiras das cores da Ciranda Guerreiros Mura	80
Figura 6: Escola Estadual Nossa Senhora de Nazaré, berço da Ciranda Flor Matizada– 2019.....	82
Figura 7: Escola Estadual José Seffair, onde nasceu a Ciranda Tradicional – 2019.	84

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Temas abordados pela Ciranda Tradicional (2000-2019)	48
Quadro 2: Temas abordados pela Ciranda Flor Matizada.(2000-2019)	50
Quadro 3: Temas abordados pela Ciranda Guerreiros Mura (2000-2019).....	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. Capítulo 1: As transformações históricas do Festival de Cirandas de Manacapuru	18
1.1. As origens do Festival de Cirandas	18
1.2. As tradições ressignificadas do Festival de Cirandas	22
1.3. Espetacularização das cirandas	28
1.4. O folclore amazônico contido no espetáculo	35
2. Capítulo 2: Contribuições socioculturais do Festival de Cirandas de Manacapuru	42
2.1. Os problemas sociais nas apresentações do Festival de Cirandas	44
2.1.1. O tema das cirandas	44
2.1.1.1. Ciranda Tradicional	47
2.1.1.2. Ciranda Flor Matizada	50
2.1.1.3. Ciranda Guerreiros Mura.....	52
2.1.2. Canções como veículo de denuncia social e ambiental	54
2.1.2.1. Ciranda Tradicional - Anos 2000 e 2019	55
2.1.2.2. Ciranda Flor Matizada - Anos 2000 e 2019	59
2.1.2.3. Ciranda Guerreiros Mura - Anos 2000 e 2019	63
2.2. As cirandas e o desenvolvimento sociocultural do município	69
2.3. As cirandas no processo de integração social	72
3. Capítulo 3: O Festival de Cirandas de Manacapuru e a educação escolar	76
3.1. Escola como espaço de aprendizagem cultural.....	79
3.2. Cirandada: reforçando conteúdos escolares por meio do brincar	85
3.3. Educação e cultura no contexto escolar.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	97
ANEXOS	102

INTRODUÇÃO

O Festival de Ciranda de Manacapuru é uma festa popular brasileira que acontece na cidade de Manacapuru, localizada na Região Metropolitana de Manaus, no estado do Amazonas. O evento é promovido pelas agremiações das cirandas Flor Matizada, Guerreiros Mura e Tradicional, realizado tradicionalmente no último fim de semana de agosto.

Para chegar a Manacapuru, as cirandas percorreram um longo caminho. Tiveram como origens a influencia dos folguedos europeus e nordestinos, com suas raízes vindas de Portugal. A ciranda foi introduzida no Amazonas como influência cultural da migração nordestina durante o apogeu da borracha, na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX, e migra diretamente para o município de Tefé. Pouco tempo depois é levada para Manaus, onde foi praticada na Escola Estadual Sólon de Lucena pelo professor José Silvestre. Após alguns anos de intensa participação no Festival Folclórico do Amazonas, é levada pela professora Perpétuo do Socorro Oliveira a Manacapuru no ano de 1980, onde foi praticada na escola estadual Nossa Senhora de Nazaré, que representou a primeira ciranda a ser desenvolvida no Município.

Em 1997 é criado o Festival de Cirandas de Manacapuru com a apresentação das três cirandas: Flor Matizada, Tradicional e Guerreiros Mura.

No decorrer de todo percurso histórico da ciranda, até a chegada em Manacapuru, novos elementos foram inseridos em cena na tentativa de definir novos valores, olhares, novas concepções, nova representação social e experiências vividas pelos povos das regiões, onde a mesclagem de personagens nordestinos e amazônicos aos poucos foi sendo uma das características das cirandas de Manacapuru. Essa manifestação cultural, além de alegrar e trazer felicidade, ajuda a formar princípios, valores culturais, a traduzir as emoções do povo amazônico.

O tema escolhido para pesquisa foi o Festival de Cirandas de Manacapuru e sua relação sociocultural e educacional, por ser esse Festival uma festa que traduz o cotidiano do povo amazônico, em seus aspectos religiosos, artísticos e culturais, modificando parcialmente a estrutura da cidade, envolvendo os segmentos econômico, social, cultural, artístico e educacional, visto que a cidade se prepara para a apresentação de seu grandioso espetáculo.

O eixo motivacional para escolha desse tema é o fato do pesquisador ter sido morador do município e vivenciado as mudanças que esse Festival proporcionou a comunidade, bem como o comportamento dos moradores, merecendo destaque para a atual relação, entre as escolas fundadoras e as cirandas. Por isso, fez-se necessário uma análise investigativa, tanto nas cirandas quanto no campo escolar, de como essa festividade é recebida e projetada pelo corpo docente e discente e de que modo a escola administra tais acontecimentos.

As cirandas nasceram nas escolas públicas de Manacapuru, e em curto tempo ganharam autonomia, desvinculando-se do âmbito escolar, passando a ter galpões de ensaios próprios, com recursos para criação de fantasias e alegorias.

Partindo desses pressupostos, a pesquisa apresenta como objetivo geral a necessidade de conhecer as contribuições do Festival de Cirandas para a melhoria das condições socioculturais e educacionais do município. Os objetivos específicos são: Compreender as transformações históricas do Festival de Cirandas; Refletir sobre as contribuições socioculturais do Festival de Cirandas para o município e Analisar a relação entre as cirandas de Manacapuru e a educação escolar.

O Festival de Cirandas abrange o universo dos povos da região, abordando temáticas de cunho político, voltadas para a preservação do meio ambiente, discutindo a realidade atual e os desafios futuros, na tentativa de alertar e sensibilizar a população quanto às questões socioambientais. É nessa perspectiva que os valores culturais internos e externos vão construindo e consolidando a identidade cultural do povo de Manacapuru, pois a ciranda é uma manifestação artístico-cultural que pode ser analisada através de uma visão de como as classes populares percebem seu passado e presente para construir uma história no futuro.

O Covid-19 trouxe inúmeros prejuízos para toda a sociedade. A crise causada pela pandemia afetou todas as dimensões da vida, com repercussões e impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos sem precedentes na história recente das epidemias. Em nossa pesquisa, tivemos que encontrar maneiras para suprir essas dificuldades, pois por ter sido realizada durante esse período, tanto as cirandas quanto as escolas públicas tiveram suas atividades paralisadas.

Para a realização desta pesquisa escolhemos como perspectiva metodológica a fenomenologia, devido à mesma ser a mais adequada para tratar a temática em questão. Portanto, esta pesquisa tem por base o método fenomenológico, que para Masini (1989, p. 63):

Parte da compreensão de nosso viver, não de definições ou conceitos, da compreensão que orienta a atenção para aquilo que se vai investigar. Ao percebermos novas características do fenômeno, ou ao encontrarmos no outro, interpretações, ou compreensões diferentes, surge para nós uma nova interpretação que levará a outra compreensão.

Esse método caracteriza-se como uma reflexão sobre determinado fenômeno a ser estudado. Neste caso, o fenômeno parte de nossa vivência, é o Festival de Manacapuru. Investigamos a relação e a dimensão que alcança no município, partindo do princípio que o mesmo modifica a realidade da cidade.

A fenomenologia proporciona o saber, a compreensão que se fundamenta no rigor científico porque procura valorizar o ser na sua singularidade, conferindo-lhe uma unidade de sentido.

Essa pesquisa parte de uma abordagem qualitativa, que permite uma visão mais abrangente dos fatos, isto é, supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada por meio do trabalho de campo. Minayo (2001, p. 64) define o trabalho de campo como "fruto de um momento relacional e prático: as inquietações que nos levam ao desenvolvimento de uma pesquisa nascem no universo do cotidiano".

Dessa forma, foram entrevistados representantes das três cirandas: diretores, apresentadores, músicos, e cirandistas, formados por historiadores e pesquisadores responsáveis pela criação das apresentações, além dos representantes das três escolas fundadoras, que são os professores e diretores.

Os instrumentos de pesquisa utilizados neste estudo foram à pesquisa bibliográfica e o trabalho de campo. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Severino (2002, p. 39) propõe:

O fichário de documentação bibliográfica constitui um acervo de informações sobre livros, artigos e demais trabalhos que existem sobre determinados assuntos, dentro de uma área do saber. Sistemáticamente feito, proporciona ao estudante rica informação para seus estudos.

O interesse ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas,

envolvendo a obtenção de dados descritivos coletados no contato direto com a situação estudada, procurando retratar a perspectiva dos participantes. Os procedimentos utilizados são: a observação participante e a entrevista semiestruturada.

A observação participante possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, permitindo a coleta de dados nas situações em que é impossível outros modos de comunicação, sendo realizada diariamente na instituição. Para Minayo (2001, p. 59-60): “A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas [...]”.

A entrevista permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos, podendo ser estruturada, não estruturada. Neste caso optou-se pela semiestruturada que, conforme Minayo (2001, p. 57): “É o procedimento mais usual no trabalho de campo, pois através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais”.

A dissertação está organizada em três capítulos, os quais estão interligados uns com os outros. Ao longo dos capítulos é traçado o diálogo, entre os autores, o sujeito pesquisado e o pesquisador a fim de confrontar a análise dos dados e o referencial teórico.

O primeiro capítulo trata das transformações históricas do Festival de Cirandas de Manacapuru. A análise do contexto histórico, na tradição, no folclore e na espetacularização do Festival de Cirandas, estudo este que irá representar uma viagem histórica de como o Festival conseguiu alcançar a grandiosidade dos dias atuais, além do processo de entrelaçamento de aspectos culturais que permitiram às cirandas incorporarem uma contextualização regional aos personagens, tornando-se assim um espetáculo único. Essa perspectiva contribuirá para a articulação entre o Festival de Cirandas e a sua inserção no cotidiano escolar. As origens do festival foram fundamentadas em pesquisas do folclorista brasileiro Câmara Cascudo, do estudioso das festas amazônicas, Wilson Nogueira, e do poeta e escritor Mário de Andrade. As tradições ressignificadas do Festival de Cirandas de Manacapuru abordam o entendimento das transformações ocorridas na ciranda, desde a sua origem em Portugal, até o formato apresentado no festival através do conceito de tradição e modernidade, amparado principalmente pelo sociólogo alemão Max

Weber, pelo historiador Eric Hobsbawm e pelo sociólogo inglês Anthony Giddens. A espetacularização das cirandas, associada às diversas modificações que sofreram durante os anos até adquirirem o formato atual, foram analisadas através dos conceitos do sociólogo francês Jean Baudrillard em sociedade do consumo, e do escritor francês Guy Debord em sociedade do espetáculo, que também contribuíram para o estudo do folclore amazônico contido no espetáculo, além dos estudos de pesquisadores locais, como os do professor amazonense Samuel Benchimol e da estudiosa do boi-bumbá de Parintins, Liduina Mendes, dentre outros.

O segundo capítulo faz uma reflexão sobre as contribuições do Festival de Cirandas para a melhoria das condições socioculturais do município, e suas influências no cotidiano dos moradores. Estuda o festival como manifestação cultural de um povo, enfatizando o desenvolvimento sociocultural de Manacapuru, pois a cidade se prepara e se transforma para a chegada dessa festividade e dos turistas. Desse modo, também analisa a possível contribuição deste festival para a construção da identidade cultural. Visa ainda à integração entre cultura e informação divulgadas nas festividades de Manacapuru, principalmente nas temáticas escolhidas pelas cirandas. Atualmente, o festival não é só um meio de divulgação da cultura do Município, é também fonte de renda para muitos moradores da cidade e pessoas de fora, que vislumbram essa festa como uma possibilidade de aumentar sua renda.

O terceiro capítulo analisa o conteúdo das temáticas do Festival de Cirandas de Manacapuru evidenciando sua relação com a educação escolar. Também aborda como as escolas desenvolvem esse conteúdo, e que outras formas são utilizadas para enriquecer a relação das escolas com as cirandas. Levando em consideração que as cirandas nasceram nas escolas, ou seja, as escolas participaram de sua criação e parte de seu desenvolvimento, discutiu-se que contribuições as cirandas proporcionaram às escolas, ou de que forma as cirandas influenciam o sistema educacional do município.

Esse Festival, a cada ano que passa, vem contribuindo para a formação cultural do povo de Manacapuru, pois na contextualização do povo amazônico, sua história é contada e recontada através das canções, lendas, rituais. De modo lúdico, sua trama é narrada e encenada todos os anos com enfoques diferentes, porém com o mesmo objetivo: divulgar a cultura do homem amazônico. Desse modo, o brincar de dançar ciranda constitui-se numa brincadeira que, além de divertir, chama

atenção para os problemas socioambientais vigentes, bem como para o processo de formação e ocupação da Amazônia.

1. Capítulo 1: As transformações históricas do Festival de Cirandas de Manacapuru

1.1. As origens do Festival de Cirandas

As cirandas de Manacapuru tiveram como origens a influencia dos folguedos europeus e nordestinos, com suas raízes vindas de Portugal, tendo sido representadas inicialmente por mulheres de pescadores nordestinos que esperavam a volta de seus maridos do mar, cantando e dançando. O estudioso do folclore brasileiro, Câmara Cascudo (1954, p. 183), identifica a ciranda brasileira como uma dança de roda muito apreciada pelas crianças, diferenciando-se da de Portugal, onde é bailado de adulto.

É de origem portuguesa, música e letra, e bastante citada na literatura oral brasileira. É evidente que as cantigas infantis são as mais difíceis de renovação, porque as crianças são conservadoras num determinado tempo, repetindo as frases de cultura peculiares a esse ciclo cronológico. (CAMARA CASCUDO, 1954, p. 183)

A ciranda foi introduzida no Amazonas como influência cultural da migração nordestina durante o apogeu da borracha. Na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX, a Região Nordeste passava por uma fase difícil em relação à seca e, em decorrência disso, existia uma mão de obra muito farta, em especial nas zonas rurais. O estudioso das festas amazônicas, Wilson Nogueira (2008, p.120), relata que:

A introdução da ciranda no Amazonas pode ser atribuída aos nordestinos que se embrenharam na floresta à procura do látex da seringueira na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX, nos chamados tempos áureos da borracha, e na segunda fase dessa economia, durante a Segunda Guerra Mundial.

Assim, ao final do século XIX, a ciranda chega diretamente ao Município de Tefé, trazida como bagagem cultural do povo nordestino, no distrito de Nogueira, por volta de 1898, pelas mãos do mulato pernambucano Antônio Felício, que era mestre cirandeiro e cantador de coco de embolada.

As músicas da brincadeira incluíam tanto músicas tradicionais de ciranda, quanto de rodas de coco pernambucano adaptadas para a nossa região, e o poeta e escritor Mário de Andrade (1976 apud NOGUEIRA, 2008) relata-nos o registro, em 1927, durante sua viagem pelo rio Solimões, de uma dança de ciranda com o

mesmo texto e com mesma melodia das encenadas por crianças de todo o Brasil. O bailado, àquela altura, já incorporava personagens do imaginário regional e por isso foi batizado por ele como “Ciranda amazônica”. O relato de Mário de Andrade é relevante para demarcar que esse folguedo possuía conteúdo crítico em relação às instituições oficiais e oficiosas que atuavam nos beiradões amazônicos. As descrições de Andrade talvez sejam hoje a mais rica e recuada descrição da Ciranda Amazônica, afirmando que:

Houve uma parte da representação em prosa que não descrevi no meu Canhedo, a não ser nisso de ter se dado como personagem cômico de um padre a toda imitação dos sacramentos da confissão, comunhão e casamento. O padre falava em sítio macarrônico, não sei bem se dando, se imaginando que macarronizava imitativamente o latim. Ao dar a hóstia na comunhão, fazia gracejos: – esta menina me mordeu. Pensava que era um pedaço de peixe-boi. Depois de realizado o casório dos figurantes do cordão, todos fizeram um círculo outra vez, e foi então que entrou na roda o “bicho”, que nessa altura do Solimões era o carão. Lenta e tristemente entoaram esta melodia: - A ciranda vem chegando, por morte do carão (...). Só pude pegar o refrão. Assim mesmo, não pude garantir se cantavam “por morte do” e não “por morte de” (“por amor de”, “por morte de”), tanto mais que qualquer dessas lições quer como deploração profética do corpo (pois o carão vai morrer), quer como indicado que a ciranda vai partir, vai embora (“bem, vou chegando”, diz frequentemente o nosso homem do povo para significar “bem, vou partir”).

Com efeito, surgiu o caçador na parte externa da roda, e pretendeu com seus gestos, matar o carão fechado no círculo. Da mesma forma que o carão tentava fugir do caçador, como coreograficamente a roda se esforçava para impedir, que o caçador, com sua espingarda, matasse o carão. Mas este é atingido ao final, e morre. Vem o padre outra vez e faz a encomenda do defunto, mas põe a estola na cabeça do bicho. Não me arrisco a interpretar se em ato mágico voluntário, pretendendo fazer com que o carão renasça. O fato é que se deu a ressurreição. O carão revivido dança com todos e o cordão parte, entoando a melodia tradicional da “Ciranda, Cirandinha”.

Minha paixão folclorista já nos fizera ultrapassar a hora que o comandante de nosso barco determinara para estarmos de volta a bordo. Partimos com pressa sem que eu pudesse tomar outras informações do que vi, mais que estas magras notas. (ANDRADE, 1982, p. 44).

Ele identificava que as danças dramáticas estavam em plena e rápida decadência no Brasil, à exceção do Norte e Nordeste, onde persistiam, embora fixas como dramaticidade em suas datas anuais.

Mário de Andrade define danças dramáticas como sendo uma sequência dançada de cenas livremente articuladas a partir de um conjunto de personagens

alusivos a um motivo central. O autor teve contato em 1927 com a ciranda através do episódio da morte e ressurreição do carão, no Alto Solimões, num lugarejo chamado Caiçara, perto de Tefé. A ciranda não foi vista por ele como uma dança dramática, como uma “festa popular”, um “reisado” sem muita vitalidade dramática, cujo enredo era “vago e sem continuidade”, ou, mais ainda, “uma barafunda”, não possuindo o “nexo e a legitimidade dramática do Boi-Bumbá”. Andrade enfatiza que:

Afinal essa trapalhada dramática não passa duma brincadeira de crianças a que gente adulta mais primitiva deu uma função interessada mais característica e perceptível, macaqueando o amor, a religião, a caça e os animais tabus. Nem a dança vale nada, monótona, sem originalidade, primitiva, muito parecida com as danças indígenas que Martius e Léry descreveram. O que vale mesmo é a música. (ANDRADE, 1976, p.336)

Entretanto, tendo em vista a consideração feita em sua obra “Danças dramáticas do Brasil”, de 1934, e publicada em 1982 sobre o conceito de “danças dramáticas”, pode-se perceber a clara inserção das cirandas de Manacapuru, como atualmente se apresentam nessa definição de dança:

As danças dramáticas se dividem em duas categorias bem distintas: o cortejo, caracterizado coreograficamente por peças que permitem a locomoção dos dançadores, em geral chamadas de “cantigas”; e a parte propriamente dramática, em geral chamada de “embaixada” caracterizada pela representação mais ou menos coreográfica dum entrecho, e exigindo arena fixa, sala, tablado, pátio, frente de casa ou igreja (ANDRADE, 1982, p. 57).

Com isso, o modelo de dança apresentado atualmente pelas cirandas de Manacapuru corresponde ao estilo “dança dramática”, conforme proposta classificatória de Mário de Andrade.

Os grupos de ciranda apresentavam-se na cidade de Tefé, preferencialmente nos clubes de dança, nos pátios e nas varandas de residências a convite de seus donos, no decorrer da quadra junina. Após ser mantida sua prática por muitos anos, foi levada pelas mãos do professor José Silvestre a Manaus, na Escola Estadual Sólon de Lucena, e após alguns anos, em 1980 chegou a Manacapuru.

Ainda em 1980, foi criada a primeira ciranda do município, que assim como em Manaus, fazia parte de uma escola estadual, e mais no futuro outras escolas criariam seus grupos. Nogueira (2008, p. 125) relata que:

Os primeiros grupos foram criados na Escola Nossa Senhora de Nazaré, mas logo outras fundaram os seus e passaram a disputar

um festival, organizado pelos professores, que sempre ocorria no aniversário da cidade, em 16 de julho. As cirandas Flor Matizada (Escola Nossa Senhora de Nazaré), Guerreiros Mura (Escola José Mota) e Tradicional (Escola José Seffair) conquistaram a simpatia de grupos torcedores de toda cidade que, durante o festival rivalizavam-se.

Com isso, as cirandas eram ensaiadas nas escolas e a maioria de seus brincantes e responsáveis eram alunos e professores, que incentivavam um clima de competição.

A partir do 1º Festival de Ciranda de Manacapuru, realizado em 15 de julho de 1987, a dança foi se transformando, ficando diferente das dançadas em Tefé e Manaus e nos outros lugares do Brasil. Foram introduzidos novos elementos e outras personagens.

As disputas entre as cirandas ocorriam somente por ocasião do aniversário da cidade, mas a festa cresceu e resultou na criação do Festival de Cirandas no Parque do Ingá. Esse local era uma área do Poder Público considerado obstáculo para expansão da cidade, por ser uma área alagada e limitar-se com o igarapé denominado de Baixa Grande, localizado na área central da cidade. O local da apresentação das cirandas é conhecido como Cirandódromo, o qual concentra em sua estrutura um espaço para arquibancadas, com capacidade para 25 mil pessoas por apresentação e, na sua área externa, cerca de 20 mil pessoas usufruem a diversificada praça de alimentação.

A ciranda como festa popular brasileira é caracterizada pela pouca bibliografia existente, e uma fartura de material jornalístico e informativo sobre festivais que ocorrem por todo Brasil. A história e evolução da ciranda no Amazonas pode ser conhecida em algumas pesquisas acadêmicas, livros, revistas, materiais jornalísticos e materiais coletados da internet.

Como pesquisas acadêmicas, merece destaque alguns estudos locais, que enfatizam a mistura de elementos e culturas responsáveis pelas mudanças ocorridas no decorrer dos anos para a formação do Festival de Cirandas de Manacapuru, que assume características próprias. Vale a inclusão de estudos do pesquisador Adan Renê Pereira da Silva em 2 de maio de 2014, referente a identidade do “cirandeiro”. Também o pesquisador Marcos Amorim Menezes, 8 de dezembro de 2019, referente aos processos de criação de coreografias nas cirandas de Manacapuru. Estudos do pesquisador Moisés Barbosa da Silva realizada em 27 de junho de 2016,

referente aos espaços geográficos e importância do turismo em Manacapuru, dentre outros.

A ciranda de Manacapuru, assim como seu Festival, segue a tradição de outras festividades populares na Amazônia, principalmente a do Boi-Bumbá de Parintins, e sobre essas festas foram realizados diversos estudos, desde os já clássicos, registrados em obras como as de Nunes Pereira, Charles Wagley, Mario Ypiranga Monteiro e as mais recentes por acadêmicos da UFAM. Entre eles, Sergio Braga e Wilson Nogueira, e os estudos de ex-alunos da UFAM, como o de Ana Rúbia Figueiredo Fernandes em 2002, que desenvolveu trabalhos sobre o Festival Folclórico de Parintins, a pesquisa de João Alúzio Piranha Dias envolvendo o Çairé em 2019, e os estudos de Elma Nascimento de Souza, que aborda os festejos de São Gabriel da Cachoeira, além de outras pesquisas.

1.2. As tradições ressignificadas do Festival de Cirandas

O entendimento das transformações ocorridas na ciranda, desde a sua origem em Portugal, até o formato apresentado no Festival de Cirandas de Manacapuru, está amparado nas tradições, estando diretamente ligado a uma linha contínua que envolve o passado e o presente. Essa linha persiste e é remodelada e reinventada a cada geração. Assim, pode-se dizer que não há um corte profundo, ruptura ou descontinuidade absoluta entre o passado e o presente.

A compreensão do mundo pode ser organizada pela tradição, pelo fato de ela ser fundamentada na superstição, na religião e nos costumes. A ordem social baseada na tradição expressa a valorização da cultura oral, do passado e dos símbolos enquanto fatores que perpetuam a experiência das gerações, e, nesse sentido, conhecer é ter habilidade para produzir algo e está ligado à técnica e à reprodução das condições do viver. Esse ainda é um pensamento que se diferencia dos estudos do sociólogo alemão Max Weber, onde enfatiza que as relações de poder legítimas são estabelecidas em uma esfera macropolítica definida por instituições fortes, como o Estado, ou em relações sociais baseadas em construções sociais duradouras, como a tradição. Segundo Weber (2004, p. 73):

Uma das formas de dominação em uma sociedade é baseada na tradição, a crença na santidade das ordens e dos poderes existentes desde sempre, cujo conteúdo não se tem a possibilidade de alterar, funcionando como o elemento que une as ordens sociais.

A tradição está ligada à história, no sentido de continuidade ou permanência de uma visão de mundo, costumes e valores de um grupo social. Para o antropólogo Marshal Sahlins, os sistemas simbólicos não devem ser pensados como estáticos, mas sim como dinâmicos, atendendo ao curso da história para se reproduzirem. Desse modo, “em toda mudança vê-se também a persistência da substância antiga: a desconsideração que se tem pelo passado é apenas relativa” (SAHLINS, 1987, p.190).

Nesse entendimento, as tradições devem ser entendidas como um campo que envolve um ritual e possui status de integridade, uma forma de garantir a preservação, baseado em modelos que podem ser histórias fictícias, reais ou reinventadas, dando conta dos inúmeros processos de simbolização no curso da história dos atores sociais. Então, pode-se observar esse entendimento através das mudanças ocorridas ao longo da evolução da ciranda, como a incorporação de elementos nordestinos, quando ela chegou à região nordeste. A ciranda foi categorizada como “genuína dança do povo nordestino, praticada por trabalhadores rurais, pescadores de mangue e de mar, operários de construção não especializados e biscateiros”, como nos informa o estudioso pernambucano Jaime Diniz (1960, p.15).

Os elementos nordestinos se mesclaram com elementos amazônicos ao longo de sua passagem, até à chegada em Manacapuru. Como exemplo, o personagem “Carão”, que era um pássaro da região nordestina; o personagem incluído em Tefé chamado de “Seu Manelinho”, que era um regatão contador de histórias de suas viagens pelo rio Amazonas; o item chamado de “Cirandada”, que representa o desenvolvimento do tema através das letras e músicas, que sempre abordam temáticas dos povos indígenas.

Em suma, a tradição passa a ter um caráter normativo, relacionado aos processos interpretativos, por meio do qual o passado e o presente são conectados para ajustar o futuro. Como observa o historiador Eric Hobsbawm (2010), toda tradição é uma invenção que surgiu em algum lugar do passado, podendo ser alterada em algum lugar do futuro. As tradições estão sempre mudando, mas há algo em relação à noção de tradição que pressupõe persistência: se for tradicional, uma crença ou prática tem uma integridade e continuidade que resistem aos contratempos e às mudanças.

Em Manacapuru, a apresentação das cirandas passou a se modificar durante

os anos, tendo como principal motivação entre os brincantes o caráter competitivo. Nessa perspectiva as cirandas ganharam grandes galpões (Figura 1), que servem tanto para ensaios, quanto para a construção das alegorias.



Figura 1: Galpão de ensaio da Ciranda Guerreiro Mura – 2019.

Fonte: Acervo pessoal.

As fantasias passaram a ser confeccionadas por profissionais, as músicas passaram a ser encomendadas e as apresentações ganharam imensas alegorias. Aos poucos o festival foi se moldando com o intuito de se adequar a mídia. Entretanto, a mudança é necessária em todos os segmentos da vida, e no Festival de Cirandas de Manacapuru não foi diferente: muitas transformações ocorreram na brincadeira, mas a sua essência foi mantida. Essa essência se caracteriza pela dança de roda, pelos principais personagens e pelo ritmo. Nesse caso, o sociólogo Raimundo Dejard Vieira Filho (2002, p. 24) acredita que:

As tradições culturais se inventam e reinventam de acordo com as situações particulares. Utilizam-se velhos elementos como base para a criação de novos. Dá-se uma roupagem diferente tanto à forma quanto aos conteúdos das manifestações culturais tradicionais, ou seja, cria-se uma ressignificação dos símbolos para responder aos novos desafios.

Há essa necessidade de mudança, pois ainda que o Festival de Cirandas de Manacapuru ser uma festa tradicional da Amazônia, precisa de novos elementos para dinamizar a sua apresentação, porém não esquecendo os elementos tradicionais que compõem o espetáculo. Isso não significa que o novo irá romper

definitivamente com o passado, pois este se mantém vivo na memória e lembrança das comunidades. Assim o passado passa a ser reconstruído e dinamizado.

O folclore manacapuruense também inova, recria sua própria história, pois em busca dessas novas dimensões, as cirandas inserem a figura do índio como temática de suas apresentações. Então, a apresentação das cirandas de Manacapuru manteve originalmente das cirandas de Tefé o cordão e seus passos engraçados, assim como os personagens Cupido, Seu Manelinho, Mãe Benta, Carão, Constância, Galo Bonito e outros que funcionam como cordão umbilical da derivação anterior. A música cirandeira e a referência com o passado estão presentes na obrigatoriedade da execução da cantiga de roda secular no Brasil (Ó ciranda, ó cirandinha/Vamos todos cirandar/Vamos dar a meia volta/Volta e meia vamos dar/E depois da volta dada/Cavalheiro troque o par). Nas músicas atuais, a lembrança da roda é marcada pelo apito usado para comandar os cirandeiros em processo de encenação, que assume a função de instrumento musical tradicional. Assim, ao inserir novos componentes à brincadeira, as cirandas de Manacapuru representam ao mesmo tempo o tradicional e o moderno, pois simbolizam uma festa do povo.

A tradição se mantém viva no tempo devido à memória das pessoas. Por isso, Cascudo (1971, p. 09) afirma que:

A memória é representada pela imaginação do povo, mantida e comunicável, tendo como ponte a tradição, movimentando as culturas convergidas para o uso, através do tempo. Essas culturas constituem quase toda a civilização nos grupos humanos.

Dessa maneira, a tradição tem a finalidade de expandir as culturas ao longo do tempo, pois a memória coletiva do povo é responsável pela divulgação dessas culturas aos grupos sociais, bem como sua utilização e dinamicidade por meio dos relatos orais de geração a geração.

Embora pareça que a sociedade em que vivemos esteja deixando a tradição de lado, na verdade, isto não ocorre, pois as pessoas mudam, renovam suas ideias para ver o mundo com outros olhos, porém, ao fazer isto não significa que deixaram para trás o passado. Nesse sentido, algumas festas tradicionais ainda continuam, mas ganharam novas formas e se adaptaram ao séc. XXI, como é o caso do Festival de Cirandas de Manacapuru.

A modernidade é entendida como uma nova visão de mundo relacionada aos

vários momentos da história na Idade Moderna e, principalmente com o desenvolvimento do capitalismo, pois o mesmo trouxe um “grande avanço tecnológico” e permitiu às sociedades “modernizarem-se”. Conforme o sociólogo Renato Ortiz (1991, p. 263): “A modernidade é um modo de ser, uma sensibilidade. Em termos antropológicos eu diria, ela é uma cultura, uma visão de mundo com suas próprias categorias cognitivas”, pois a partir do momento que o homem rompe com determinados costumes e hábitos expressa-se como um indivíduo livre, conquistando seus direitos e modificando suas estruturas cognitivas e intelectuais. Apesar do conceito de modernidade ser muito aplicado por vários estudiosos, merece uma profunda reflexão, pois para se ter uma nova visão de mundo não se pode perder a noção e aproveitamento do passado para que haja um equilíbrio entre o tradicional e o moderno, vislumbrando-se um novo homem, uma nova sociedade.

A sociedade atual fundamenta-se no distanciamento e aproximação entre o local e o global para a maioria dos indivíduos e dos grupos sociais. Nas palavras do sociólogo inglês Anthony Giddens, “quanto mais a tradição perde terreno, e quanto mais se reconstitui a vida cotidiana em termos da interação dialética entre o local e o global, mais os indivíduos encontram-se forçados a negociar opções por estilos de vida em meio a uma série de possibilidades” (GIDDENS, 2001, p.5). A disjunção sistêmica entre o global e o local traz como consequência direta a heterogeneidade sociocultural: sociedades partilham bens, serviços, mensagens e imagens, mantêm as identificações como o que é produzido e dividido dentro dos seus limites territoriais e, ao mesmo tempo, criam novas formas de identificação. Para Giddens (2001, p.2 3):

No cenário do que eu chamo a modernidade tardia (o nosso mundo de hoje) o self, tal como os contextos institucionais mais vastos nos quais ele existe, tem de ser construído reflexivamente. No entanto, essa tarefa tem de ser cumprida no meio de uma confusa diversidade de opções e possibilidades.

Por outro lado, é válido afirmar que o passado nos ajuda a compreender aquilo em que nos tornamos, ou seja, é uma orientação decisiva para o futuro, pois permite ao homem desvendar os mistérios que o cercam e poder solucioná-los na tentativa de encontrar novos caminhos que o conduzam a sua liberdade de pensamento. Na perspectiva do sociólogo inglês Krishan Kumar (1997, p. 111), enfatiza que:

[...] a modernidade que fora definida como um “rompimento com a tradição” tornou-se em si uma tradição, a “tradição do novo”. Sob a força do modernismo, a modernidade veio a tornar-se nada mais do que inovação sem fim: mudanças intermináveis de estilo, ciclos intermináveis de moda.

Desse modo, a modernidade representa a quebra da tradição, e o que hoje passou a ser moderno, no futuro poderá ser quebrado da mesma forma que a tradição. Esse entendimento nos faz pensar que tradição e modernidade podem ser aliadas em busca de novos conceitos para explicar o significado de determinados fatos sociais que vêm acontecendo ao longo da história, pois a tradição do novo significa que a todo tempo surgem inovações que compõem o cenário mundial e promovem um novo olhar sobre a realidade. À medida que a sociedade se mundializa, há necessidade de inovações, por isso, Ortiz (1991, p. 268) afirma que “a modernidade é uma imposição dos tempos”, pois conforme ele, quanto mais o tempo passa mais o mundo fica “dinâmico e desenvolvido”. Assim, é natural que as sociedades se identifiquem com um novo modo de pensar e adquiram outros hábitos e modos de vida diferentes. Dessa maneira, promovem certa individualidade entre as pessoas porque as peculiaridades também produzem diferenças.

Entretanto, a modernidade para outros autores e estudiosos como o antropólogo argentino Nestor Canclini (2000, p. 25): “É vista então como uma máscara. Um simulacro urdido pelas elites e pelos aparelhos estatais, sobretudo os que se ocupam da arte e da cultura, mas que por isso mesmo os torna irrepresentativos e inverossímeis”, ou seja, a modernidade ao longo da história, na tentativa de promover o desenvolvimento, organizou determinadas sociedades em culturas nacionais, porém houve um grande engano, pois muitas populações ficaram à margem desse processo e com isso, foram excluídas.

Como tradição cultural popular, o Festival de Cirandas de Manacapuru, apesar de possuir pouco tempo de criação, reproduz muito do cotidiano do índio, do caboclo e do ribeirinho, porém, devido ser um elemento tradicional requer uma reatualização de sentido, pois a sociedade atual exige novos padrões e demandas no campo das produções culturais e, conseqüentemente, das manifestações culturais que representam a dimensão de vida de um coletivo.

Conforme o filósofo brasileiro Gerd Alberto Bornheim (1987, p.29): “Tradição e ruptura se espelham reciprocamente e a dialética dos dois termos esclarece a quantas andamos nessa grande esquina que é a história de nosso tempo”, por isso

a tradição se mantém porque não fica isolada no tempo e no espaço; então, de acordo com o movimento e a dinâmica das relações sociais há necessidade de inovações, modernizando assim a reprodução da tradição, que é uma exigência da sociedade atual, pois determinados grupos têm interesse em absorver e adaptar as manifestações culturais à lógica capitalista como forma de reprodução do capital, articulada ao mercado por intermédio do turismo, lazer e outros. Assim, o próprio capitalismo tem interesse em manter determinadas manifestações populares vivas e atuais, porém são apresentadas de modo a assumir outro papel, às vezes, sendo desvinculado do seu significado e importância perante a comunidade.

O Festival de Cirandas de Manacapuru possui um caráter competitivo, possui ludicidade, com características que fazem referência aos primeiros relatos de cirandas no Brasil. A tradição germinou nos tablados, se adaptou a realidade local, efetivando-se nas escolas já com alguma inovação, ficando assim pronta para receber e adequar-se às exigências da modernidade dos grandes espetáculos.

1.3. Espetacularização das cirandas

As transformações operadas na sociedade a partir da disseminação dos meios de comunicação de massa e da indústria cultural se constituem em fatores relevantes para analisarmos como as cirandas de Manacapuru se transformaram em um produto de consumo no mercado de bens culturais, tornando-se tema de diversas propagandas comerciais. A mídia, sobretudo a publicidade, a partir do final da década de 1990, passou a utilizar a prática cultural como referência propagandística, tanto no que se refere aos temas das melodias, como da própria representação imagética da dança.

Em Manacapuru o primeiro festival como competição aconteceu em 1997, quando a brincadeira deixou as quadras das escolas para ganhar status de principal manifestação folclórica da cidade. Já no ano de 1998, o festival mudou de endereço e passou a ser realizado na recém-construída Arena Parque do Ingá, também conhecida como Cirandódromo. De acordo com o antropólogo e estudioso das festas populares na Amazônia, Sergio Ivan Braga (2007), “foi a partir deste ano, 1998, que a manifestação tomou proporções maiores tomando status de manifestação folclórica”, onde os grupos de Ciranda apresentam, em geral, temas populares e a história da origem das lendas amazônicas, com músicas e ritmos dançantes.

No decorrer dos anos, o Festival de Cirandas de Manacapuru necessitou se adequar ao formato das mídias. Desde a primeira edição, em 1997, quando ocorreu o primeiro festival, as autoridades políticas já demonstravam publicamente o interesse em torna-lo um grande evento folclórico. A edição de 21 de agosto de 1998, do *Jornal do Comércio* (Figura 2) já trazia como destaque de capa a reportagem sobre a importância da espetacularização do festival.



Figura 2: Destaque da Ciranda Flor Matizada – 1997
Fonte: *Jornal do Comércio* (21/08/1998).

Onde o atual Prefeito Ângelo Figueira afirmava em entrevista:

A abertura do II Festival de Cirandas será um megaevento em Manacapuru. A construção do "Cirandódromo" representa um espaço privilegiado para esse tipo de evento com capacidade acima de 30mil pessoas. "Manacapuru e o interior do estado estavam precisando desse incentivo, creio que a partir de agora nós possamos assinar a página do calendário da Funarte e EMBRATUR".

Na reportagem, também é demonstrada a preocupação na recepção dos turistas referente à estrutura da cidade, que durante os anos seguinte foi se moldando para se tornar um grande evento. Ainda na reportagem, é apresentada como imagem principal a foto de um dos destaques da Ciranda no ano anterior (1997). Percebe-se que o tablado ainda era de madeira, pois o primeiro festival ocorreu no campo do Riachuelo, e a partir daí, iniciou-se a construção do Cirandódromo.

Ao longo dos anos, muitas destas modificações foram testadas, e uma delas foi a redução nos dias de apresentação. Em 2002, com forte apelo dos patrocinadores, foi apresentada como principal mudança a realização do festival em dois dias, ao invés de três, como era antes, onde as três Cirandas executariam duas apresentações, sendo uma por dia, porém, esse formato não conseguiu se perpetuar nos anos seguintes.

A partir de então, ao redor do Cirandódromo foram criadas estruturas para fomentar a festa, onde a rede de lojas comerciais se adaptou para o turismo, e a cidade passou a ser caracterizada pelo Festival de Cirandas de Manacapuru, assim como Parintins, caracterizada como cidade do boi-bumbá ou Itacoatiara, com o FECANI. Também foi criado um palco de eventos ao lado do Cirandódromo, que passou a completar o espetáculo, onde após as apresentações das cirandas, ocorrem shows com cantores nacionais. Esse palco fica localizado em uma posição estratégica, de forma que após o fim das apresentações das Cirandas, os expectadores saem diretamente para o show. Essa identidade com a própria cidade foi destacada por Nogueira (2008, p.135):

A Ciranda de Manacapuru é outra versão, uma nova proposta de espetáculo para os olhos dos turistas e dos telespectadores, que despertam a atenção da mídia e dos patrocinadores. Ela está cada vez mais presente nos eventos de turismo que promovem Manacapuru como “uma nova cidade para um novo século”.

Inúmeras foram as modificações ocorridas no Festival de Cirandas, não só na introdução de novos ritmos e instrumentos musicais nas apresentações, pois o mesmo tornou-se conhecido como teatro do povo, devido se apresentar para uma grande plateia, com participação exclusiva das três torcidas, semelhante à apresentação dos bois-bumbás. De certa forma, as alegorias ficaram gigantescas e a indumentária dos brincantes adquiriu contornos regionais, no caso, indígenas, que

exaltam a cultura local.



Figura 3: Principal alegoria da Ciranda Tradicional – 30/08/2019.
Fonte: Acervo pessoal.

Por outro lado, essa ideologia do mercado, refletida pela rápida adequação das cirandas de Manacapuru a um novo modelo de ciranda, tanto no que diz respeito à estrutura física, quanto ao jeito de dançar ciranda, pode ser vista como um afastamento de suas raízes. Na Figura 3, essas mudanças ficam evidentes, sendo a principal uma imensa alegoria representando um índio alado, anunciando o tema da Ciranda Tradicional. Nos últimos anos, adequou-se o tempo de apresentação para satisfazer a mídia televisiva, que incorporou patrocinadores nacionais, fazendo com que a ideologia do mercado exerça uma real ação modificadora na forma do espetáculo. Ela encontra legitimação na sociedade devido à ilusão de imparcialidade, aparentemente sem pretensão ideológica. Conforme o escritor francês Guy Debord (1997, p. 138), é como se não houvesse mais ideologias:

O espetáculo é a ideologia por excelência, porque expõe e manifesta em sua plenitude a essência de todo sistema ideológico: o empobrecimento, a sujeição e a negação da vida real. O espetáculo é, materialmente, a expressa separação e—do afastamento entre o homem e o homem. [...] É o estágio supremo de uma expansão que fez com que a necessidade se oponha à vida. A necessidade de dinheiro é a verdadeira necessidade produzida pela economia política, e a única necessidade que ela produz.

Apesar de aparentemente o espetáculo ter suprimido todas as ideologias, na verdade nota-se uma cultura política, outra forma de consumo disfarçada na festa.

Isso fica claro quando imaginamos o quanto gasta um torcedor para mostrar que pertence a determinada ciranda.

Outro fato que marca as apresentações é a participação das torcidas. No Cirandódromo existe uma área específica para acomodar as torcidas organizadas, que participam efetuando coreografias na arquibancada.

Os componentes das torcidas participam caracterizados com roupas nas cores das cirandas e movimentos coreografados que complementam a apresentação no palco. Na Figura 4 podemos observar o puxador de torcidas, efetuando movimentos com bandeiras.



Figura 4: Torcida organizada da Ciranda Flor Matizada – 20/09/2018.
Fonte: Revista Cirandas.

Semelhante ao que ocorre com o boi-bumbá em Parintins, as torcidas também tem participação na divulgação da imagem das cirandas em Manacapuru. Elas são responsáveis pelo evento chamado “carreata”, que ocorre através de um desfile pelas ruas da cidade que une torcidas, brincantes e simpatizantes. A carreata acontece na semana anterior à apresentação, e envolve carros e pessoas que caminham nas ruas, balançando bandeiras e cantando as músicas das Cirandas. No início, as carreatas percorriam todos os bairros, porém, devido a alguns conflitos entre as torcidas, a partir de 2012 elas ficaram restritas aos bairros próximos ao

galpão.

Podemos compreender que as manifestações culturais vêm sofrendo metamorfoses em relação ao que eram nos seus primórdios, uma vez que agregaram novos elementos tecnológicos, imagéticos, socioculturais, e esse foi o caso das Cirandas de Manacapuru. Nesse sentido, estamos diante de acontecimentos que, de certa forma, poderiam ser enquadrados enquanto indicadores de um movimento maior de espetacularização midiática das festividades típicas da cultura popular brasileira. Nota-se que, ao longo dos anos, aspectos tradicionais vêm mesclando-se com outros de natureza tecnocientífica de última geração. Nesse sentido, observa-se no espetáculo a expressão maior da acumulação do sistema capitalista em seu estágio atual, se torna imagem e se reproduz a partir desse novo formato econômico e social. Para ser caracterizado como pertencente de uma torcida ou simpatizante de uma ciranda, o indivíduo se torna consumidor, porém, existe uma preocupação dos dirigentes das cirandas para conquistar esse torcedor.

Em contrapartida, por trás das apresentações na TV, fica evidente um grande esforço na difusão de comerciais voltados para o consumo. Além disso, no próprio Cirandódromo encontram-se distribuídas, em posições estratégicas, propagandas dos patrocinadores que também são exaltadas pelas redes de televisão, e muitas dessas propagandas são representadas apenas por símbolos ou logomarcas. Para o sociólogo francês Jean Baudrillard (2005, p.206-207):

O consumo não é nem uma prática natural, nem uma fenomenologia da abundância. Não se define por alimento que se digere, nem pelo vestuário que se veste, nem pelo carro que se usa, nem pela substância oral e visual das imagens e mensagens, mas pela organização de tudo isso em substância significante; é ele a totalidade virtual de todos os objetos e mensagens constituídas de agora então em um discurso cada vez mais coerente. O consumo pelo fato de possuir um sentido é uma atividade manipuladora sistemática de signos. Para se tornar objeto de consumo, é preciso que o objeto se torne signo.

Assim, são atribuídos significados, valores, identidade e até mesmo magia aos objetos que são vinculados nas propagandas, utilizando-se do Festival como ferramenta para que isso ocorra. Nesta perspectiva, enquanto contexto social estruturado, o universo do consumo estaria servindo, simultaneamente, como espaço de produção cultural exploração de seu meio.

A espetacularização das cirandas influencia diretamente o setor turístico. De acordo com o pesquisador Moisés Barbosa da Silva (2016, p. 120):

De todos os motivos que levam visitantes a Manacapuru, o Festival de Cirandas é a atividade de lazer que consegue atrair diversas pessoas. [...]. O Festival de Cirandas de Manacapuru é a única festa que desperta o interesse de mais de 40 mil turistas durante todo o evento. Os três dias de festa colaboram para que todos os leitos dos hotéis sejam ocupados, ou seja, é o momento que os estabelecimentos voltam a exercer suas atividades com intensidade como era feita anteriormente ao uso da ponte. O Festival de Cirandas de Manacapuru proporciona a fuga do cotidiano estressante da cidade para os visitantes e contribui para movimentar a economia do município.

Trata-se do comportamento do consumidor turista, que exerce um importante papel durante os festivais, que é de tornar o consumo não apenas uma prática material, mas uma produção de significados, pois as pessoas são movidas pela influência da mídia e da publicidade, fazendo com que as compras se tornem quase um dever, em um contexto de acumulação de capital. Assim, o festival é visto como um espaço de lazer, onde o que se oferece, a princípio, seria a sensação de pertencimento a uma determinada ciranda, sendo isso feito pela aquisição de produtos que identifiquem esse pertencimento. Esse entendimento pode ser confirmado pela antropóloga inglesa Mary Douglas e do economista inglês Baron Isherwood (2009, p.121), quando afirmam:

As dimensões culturais e simbólicas do consumo e a diversidade de motivações e interesses que perpassam o ato de consumir fazem com que bens sejam vistos como comunicadores de valores sociais e categorias culturais. Possuem a capacidade de tornar visíveis e estáveis certas categorias culturais. Todas as escolhas de consumo refletem julgamentos morais e valorativos culturalmente dados. Eles também possuem a capacidade de carregar significados sociais relevantes, demonstrando algo sobre o indivíduo: seu grupo social, sua família, sua rede de relações de forma geral.

O Festival de Cirandas de Manacapuru, nesse sentido, oferece as três cirandas como mercadoria a ser consumida, e essas mercadorias oferecem sentido à vida dos indivíduos que as utilizam durante aquele período, representando fronteiras sociais, contestando a ideia de irracionalidade do consumidor, que possui uma relação com o bem que vai além do consumo físico, relacionando-se à sua apropriação simbólica.

1.4. O folclore amazônico contido no espetáculo

Manacapuru é uma palavra de origem indígena derivada das expressões “Manaca” e “puru”. “Manaca” (*Brunfelsia hospéana*) é uma planta brasileira das dicotiledôneas, da família *Solanaceae*, que significa, em tupi, flor. “Puru”, da mesma origem, quer dizer enfeitado, matizado. Logo, Manacapuru, na língua indígena tupi, quer dizer “Flor Matizada”. A relação com o nome da ciranda pioneira de Manacapuru não é aleatória. A etimologia é proposital no nome da Ciranda Flor Matizada.

Os fundamentos da história da cidade de Manacapuru estão ligados à aldeia dos índios Mura que lá se estabeleceram no século XVIII. O seu nome foi sempre o mesmo, desde sua origem até o momento atual (HISTÓRICO das cirandas, 2011, p.24-25). Também esta ligação com o nome da “caçulinha” das cirandas. O nome de Ciranda Guerreiros Mura é uma clara homenagem à figura dos bravos indígenas que fundaram Manacapuru. Segundo a revista, os Mura descendentes das tribos Tupi, foram fundadores, junto com os portugueses, do povoado de Manacapuru. Lutaram com os cabanos em meados do século XIX, no movimento que levou o povo ao poder durante os 500 anos de colonização: a cabanagem. Este fato histórico, ao que tudo indica, está bastante atrelado à formação de Manacapuru.

Os povos indígenas estão presentes na região amazônica desde a colonização portuguesa e sua figura representou muito para o colonizador, pois foram eles quem ensinaram os segredos da floresta. Contribuíram também para o folclore amazônico de modo expressivo por meio de suas riquezas culturais e seus ensinamentos por intermédio de seus mitos e lendas.

O professor amazonense Samuel Benchimol (2009, p.22) acredita que “a contribuição indígena cabocla para a ocupação da Amazônia, foi considerável e sem ela a tarefa de descoberta e exploração teria sido impossível”. Isso porque os índios já estavam presentes na região Amazônica havia muito tempo, e dominavam os segredos da floresta, bem como dos rios e da terra. E como tinham esse domínio foram obrigados a ensiná-los ao colonizador e, com isso, foram perdendo suas terras e espaço para o branco invasor e até mesmo a vida porque foram forçados ao trabalho escravo em busca das famosas drogas do sertão, das especiarias, e de fontes medicinais que a região dispunha e não eram conhecidos pelo colonizador. De acordo com o pensamento da estudiosa do boi-bumbá de Parintins, Liduina

Mendes (1988, p. 41):

A Amazônia sempre foi um universo que abrigava centenas de povos indígenas, com variantes e complexas formas de organização social, tendo a taba (morada coletiva) como célula definidora dos aspectos de poder, das normas morais, das crenças religiosas, das relações de produção, resultando em elementos culturais comuns da sociedade primitiva, onde são impossíveis a desigualdade, a exploração e a divisão.

Essa complexidade de diferentes povos indígenas na Amazônia ajudou a fortalecer o modo de viver e conviver dessas sociedades, pois através dessas diferenças foi possível uma organização social que visa o bem comum de todas as nações indígenas, seja na distribuição do trabalho, seja na educação e demais atividades. Sempre houve entre os indígenas formas próprias de educação, entendida como todo o conhecimento que uma comunidade ou povo possui e que é de domínio de todos, transmitido de pais para filhos, e necessário para se viver bem. Neste sentido, educação¹ para eles, da mesma forma que em outras sociedades, representa o processo por meio do qual toda pessoa aprende a viver. Isso se dá na família, na comunidade ou no povo.

Por isso, para compreender a dinâmica desse Festival é necessário estabelecer e entender os conceitos de Folclore, pois influencia e dá origem ao histórico da festa, relacionando e inserindo a figura do índio e do caboclo amazônico nas cantigas de ciranda e no tema principal, como meio de divulgar a cultura existente no Amazonas.

O antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (1989, p. 87) define folclore como sendo “um instante fugaz da vida dos homens e de suas sociedades por meio da cultura. Tudo nele é relação e tudo se articula com outras coisas da cultura, em seu próprio nível [...] e em outros”. Dessa maneira, tudo o que o homem do povo faz e reproduz como tradição, é chamado de folclore. Por meio dele, o homem expressa suas crenças, costumes e lendas.

Todos os povos têm suas tradições que são transmitidas através do tempo. O folclore vive da coletividade do que é criado e recriado, conhecido e reproduzido

¹ Segundo a Lei de nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no seu art. 1º, a educação (**educação geral**) abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Esta Lei disciplina a **educação escolar**, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias. A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

pela sociedade; por isso, ele precisa ser incorporado aos costumes da comunidade para, enfim, ser um momento de cultura. Ainda para Brandão (1989, p. 41 e 42): “O folclore perdura, e aquilo que nele, em um momento se recria, em outro, precisa ser consagrado. Precisa ser incorporado aos costumes de uma comunidade e ali se conservar por anos, de uma geração a outra”. Ou seja, ele se transmite de pessoa a pessoa, geração a geração, de etnia a etnia, é reproduzido e repassado de modo que não se perca no tempo, sendo divulgado e incorporado à cultura local, preservando os costumes de um determinado povo.

Nesse sentido, o Festival de Cirandas de Manacapuru encena a vida da floresta com todos os seus elementos que fazem parte do folclore e mesmo da realidade do caboclo amazônico. A figura do índio, os animais, a indumentária, os costumes, as tradições são invocados de maneira que se vê no espetáculo uma forma de apelo à preservação da natureza. O folclore denomina um campo de estudos identificado como antiguidades populares ou literatura popular e utiliza a cultura de maneira primordial, referindo-se de forma geral à tradição de um determinado grupo, aos traços característicos de um povo ou de uma região, sendo também chamados de legítimos. Esse enfoque leva muitas vezes a uma interpretação desarticulada do que seja cultura, pois existem diferenças entre folclore e cultura popular.

Nessa perspectiva, é fundamental, conforme o antropólogo José Luiz dos Santos (2006, p. 8), “entender que cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos”. Ou seja, o conhecimento que vem sendo acumulado com o tempo é produto das relações sociais estabelecidas pela sociedade consigo mesma e com as demais, resultando nas peculiaridades culturais. Também se pode definir cultura como dimensão de um processo social da vida de uma sociedade. Inclui-se todo conhecimento num sentido ampliado e todas as maneiras como esse conhecimento é expresso. Está determinada pelo social e inserida em todo fato socioeconômico. Não é vivida da mesma maneira por todos, pois é um processo de criação de sentidos, significações, explicações e simbolizações que são expressas de diferentes maneiras pelo povo ou grupo social.

O imaginário é refletido nos temas escolhidos pelas cirandas, que sempre fazem referência a questões da região. Em 2019, o tema da Ciranda Tradicional foi “Alado”, que representava:

Um gigante alado, vital para o ecossistema brasileiro, emerge do aquecimento das águas do Oceano Atlântico, invade a Mata Atlântica e é empurrado pelos ares de Tupã até encobrir o imenso verde da Amazônia. É aqui, sobre as cabeças dos filhos de lamandu, pai do universo, que vagueia em transbordo de magia um rio duas vezes mais volumoso que o Rio Amazonas – um fenômeno real. (REVISTA das Cirandas, 2019, p23).

Essa é a história passada através das gerações dos povos indígenas e, desse modo, ofertou a esta festa peculiaridades regionais e uma dinâmica singular de apresentação a partir de suas lendas, o mundo indígena, os caboclos, a fauna e flora da Amazônia, que engrandecem ainda mais o espetáculo. Nesse âmbito de importância cultural, o poeta João de Jesus Pais Loureiro (1995, p. 55) enfatiza que:

A cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada. Ela reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imensa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural.

Então o imaginário amazônico tem por base material a natureza, que desenvolve nos seus moradores que desperta o interesse entre o real e o imaginário. A cultura é passada de geração a geração por meio da linguagem oral. É transmitida pelos mais velhos e recontada pelos mais jovens em que prevalece o imaginário, pois cada indivíduo tem uma maneira de interpretar o significado das “coisas” dando um novo sentido a elas e, conseqüentemente, na relação homem e natureza.

Em 2018, no 22º Festival de Cirandas de Manacapuru, a Ciranda Flor Matizada apresentou o tema “Poranduba”, também enfatizando a relação do homem com o meio ambiente, que de acordo com a Revista Cirandas (2019, p.25) representava:

Expressão indígena que significa “histórias fantásticas”; refere-se aos contos, às fábulas, aos mitos que compõe, ainda hoje, o imaginário e a cultura dos povos da Amazônia. Significa também “relação”, “sentir”, “escutar”: é a maneira que lhe convidamos para estabelecer uma conexão profunda com a Amazônia, seu povo e seus mistérios.

Nesse entendimento, Loureiro (1995, p. 64) enfatiza que:

A cultura amazônica talvez represente, neste final de século, uma das mais raras permanências dessa atmosfera espiritual em que o estético, resultante de uma singular relação entre o homem e a natureza se reflete e ilumina.

Ou seja, uma beleza estética amazônica, onde a soma de tudo que compõe o todo, que é representado pela harmonia da natureza. A relação entre o homem e a natureza é vista de maneira que exalta a cultura local, pois clama pela preservação do meio ambiente e pelo respeito aos povos que habitam a região, numa tentativa de chamar atenção e sensibilizar a população para os problemas socioambientais que a humanidade vem sofrendo.

Em 2014, no 18º Festival de Cirandas de Manacapuru, a Ciranda Guerreiros Mura apresentou como tema “Bravos Índios Mura: Das Lutas à Vitória, a Consagração dos Guerreiros Cirandeiros”, que apresentava o sofrimento e a exaltação dos Índios Mura na região. De acordo com a Revista Cirandas (2019, p.28), o tema representava:

As batalhas que os Índios Mura tiveram ao longo de sua existência, sendo a principal com a tribo dos Índios Mundurucu, que resultou em sangrentas lutas. Ao fim, apenas um índio sobreviveu, e teve a responsabilidade de dar continuidade a tribo.

O imaginário amazônico, tal como se apresenta na atualidade, tem suas bases enraizadas na trajetória histórica por qual passou a região amazônica desde o momento da colonização e povoamento.

Essa visão generalizada do imaginário pode ter várias interpretações referentes a imagens, sentidos e representações. Vale destacar a visão do sociólogo Octavio Ianni (2001, p. 18):

A Amazônia está no imaginário de todo o mundo, como a vastidão das águas, matas e ares; o emblema primordial da vida vegetal, animal e humana; o emaranhado de lutas entre o nativo e o conquistador; o colonialismo, o imperialismo e o globalismo; o nativismo e o nacionalismo; a ideia de um país imaginário; o paraíso perdido; o eldorado escondido; a realidade prosaica, promissora, brutal; uma interrogação perdida em uma floresta de mitos. São geógrafos e historiadores, naturalistas e biólogos, sociólogos e antropólogos, romancistas e poetas os que percorrem os meandros e as lonjuras, o presente e o passado, o visível e o invisível, de modo a alcançar a resposta, o esclarecimento, o exorcismo ou o encantamento.

Como se vê, numerosos e diversos são os sentidos associados à ideia de imaginário amazônico, e tantos outros poderíamos acrescentar. Na revista Extra Manacapuru (2011), foi apresentada a origem dos personagens, de é observado que contribuem para o despertar do imaginário. Dentre esses personagens destacam-se

o MESTRE CIRANDEIRO, que representa o integrante mais importante da Ciranda, cabendo a ele “tirar as cantigas” (Cirandas), improvisar versos, tocar o ganzá e presidir a brincadeira. Também é chamado de “puxador de Ciranda”, acompanhado por uma pequena orquestra que tem o ritmo marcado pela zabumba² e o tarol³; SEU MANELINHO, que era um regatão que vivia embriagado e gostava de contar proezas inimagináveis sobre as suas viagens pelos rios da Amazônia; CUPIDO, que representa o deus do amor, incentivador das paixões, representado por uma criança com um arco e flecha na mão; CONSTÂNCIA, que foi uma personagem criada também em Tefé para homenagear a garota mais cortejada. Educada à maneira francesa, Constância fazia os rapazes de a época suspirarem, embriagados por sua simpatia e elegância; GALO BONITO, porque vivia dando em cima das franguinhas locais - era o apelido de Valentim, que se considerava o “Don Juan de Tefé” e, de tão exigente na escolha das parceiras, morreu no caritó; MÃE BENTA, sendo uma personagem criada em homenagem à esposa de Antônio Felício, vendedora de guloseimas na cidade nordeste, que incorporou um pouco da cozinha nordestina aos hábitos alimentares locais; SEU HONORATO, sendo uma figura popular em Tefé nos tempos em que atendimento médico era difícil e profundo conhecedor de ervas e raízes da floresta que tratava os ribeirinhos acometidos de dores e outros males; CARÃO, que representa uma das mais importantes figuras da Ciranda, sendo um pássaro negro que é perseguido pelo caçador, que representa a herança nordestina; PORTA-CORES, que é o nome da Cirandeira que sustenta o estandarte, onde se destacam os símbolos referentes ao tema e as cores da Ciranda; CIRANDEIRA BELA, sendo o nome da Cirandeira mais bonita, personagem que representa a dança e a beleza dos Cirandeiros de Manacapuru.

Vale destacar que através dos personagens pode-se observar parte da história das cirandas, a transição da ciranda que se inicia no Nordeste, passa por Tefé e chega a Manacapuru. Pois o Carão é um pássaro da região Nordeste, a

² A Zabumba é um tambor confeccionado de pranchas de madeira coladas com veios alternados ou metal, no formato de caixas cilíndricas, conhecido por zabumba. De médias e grandes dimensões e sonoridade grave, é tocado ou percutido por varetas, macetas ou baquetas, em superfície com uma ou duas membranas esticadas em uma das bases, as quais, percutidas, produzem sons indeterminados, muito usado para marcar o ritmo em determinados gêneros musicais como a chula portuguesa. O som da bateria' é característico de todos os ritmos americanos do gênero pop, sendo os principais baião, xaxado e xote. Disponível em: <http://rio.percuterreux.com/instruments-du-samba.htm>. Acesso em: 02/11/2020.

³ O Tarol é um instrumento de percussão da família da caixa com afinação um pouco mais aguda. Possui duas peles: A superior onde se toca com o auxílio de duas baquetas e a outra na parte de baixo chamada de "pele resposta". Junto a essa pele resposta encontra-se a esteira que é o elemento que modifica o som da pele resposta. Disponível em: <http://rio.percuterreux.com/instruments-du-samba.htm>. Acesso em: 02/11/2020.

Constância representa uma personagem criada em Tefé, e a Cirandeira Bela representa uma personagem criada em Manacapuru.

A produção da Amazônia no imaginário segue o discurso de um real estabelecido pelas interpretações míticas, midiáticas e espetaculares. Essas representações não só constroem a Amazônia, propondo outras realidades nas quais os personagens estão sujeitos às suas novas regras e normas, mas também ultrapassam as representações sistematizadas pela sociedade, criando outro real. É mais uma forma de conhecer, perceber, interpretar e representar a realidade amazônica. Com isso por intermédio do Festival de Cirandas é possível representar a cultura do povo de Manacapuru, pois é uma festa que adquiriu contornos bem definidos, incorporando mitos e lendas. Desse modo, o Festival traduz sua manifestação cultural como veículo de informação e brincadeira, em que as pessoas vão compreendendo melhor o processo histórico da região amazônica, formação, costumes e crenças dos seus povos.

2. Capítulo 2: Contribuições socioculturais do Festival de Cirandas de Manacapuru

O Festival de Cirandas de Manacapuru possibilitou uma grande mudança estrutural na cidade, pois precisou se adaptar em um curto espaço de tempo a uma nova realidade, já que o festival passaria a ser um dos símbolos de Manacapuru. As mudanças também ocorreram na estrutura das cirandas, em suas apresentações principalmente, visto que encurtou-se o tempo de apresentações, mudou-se o ritmo das musicas, fantasias e alegorias sofreram alterações em seu visual.

Do mesmo modo, depois de três edições do Festival, a cidade viu a necessidade de construir um espaço próprio e permanente para sua apresentação. Criou-se o Cirandódromo e em torno dele uma estrutura de comercio voltado para o festival. Em poucos anos, casas que estavam situadas próximas ao Cirandódromo foram transformadas em pequenos comércios para atender ao consumo da população e principalmente dos visitantes- Hotéis, pousadas, clubes e parques foram construídos com o intuito de receber turistas. Ruas foram pavimentadas, e a Avenida Manoel Urbano, onde está localizado o Cirandódromo foi duplicada e sinalizada. Escolas públicas foram construídas, além da instalação de universidades e faculdades, vindas da capital.

No ensino superior, o município possui um campus da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e também está sediado o Centro Metropolitano de Estudos Superiores da UEA (CMESU -UEA). O Centro Metropolitano, que abriga os cursos de Engenharia Naval, Engenharia de Pesca, Produção de Alimentos, Produção de Fibras e Arqueologia da Universidade do Estado do Amazonas, dá ênfase a tais cursos para atender as demandas específicas de Manacapuru que é o maior produtor brasileiro de fibra vegetal. Possui também três sedes de faculdades particulares, a Nilton Lins, a Fametro e a Uninassau.

Manacapuru possui como ponto forte a cultura da juta, da pesca, do extrativismo e do artesanato. A construção da Ponte Jornalista Phelippe Daou, também conhecida como Ponte sobre o Rio Negro, em 2011, ligando o Município a Manaus, representou uma forma de eliminar as barreiras naturais que dificultavam o transporte de pessoas, produtos e o escoamento da produção de alimentos do interior, facilitando o acesso à população de outros municípios interessada em apreciar o festival.

O Festival de Cirandas também tem sido instrumento de denúncia dos problemas socioambientais na Amazônia, visto que identifica e representa a cultura dos povos amazônicos, com suas diversidades, fazendo das apresentações não apenas uma simples brincadeira, mas trazendo um novo olhar sobre a realidade amazônica, através da renovação das temáticas apresentadas.

Assim, o ponto de partida para cada apresentação é representado pelo tema, na maioria das vezes relacionado à preservação ambiental, à presença indígena e à formação do povo da região, isto é, aborda os problemas sociais que a população sente; divulga e informa os acontecimentos que estão ao nosso redor e propõe mudanças. Em entrevista realizada em 24 de julho de 2020 com o diretor geral da Ciranda Tradicional, Antônio Bruno Gomes de Lima, este afirma:

O tema e desenvolvimento é um item a ser avaliado pelos jurados. As três cirandas desenvolvem esse tema com o objetivo de levantar questionamentos sobre os principais problemas encontrados em nossa cidade, e com isso, o foco é propor alternativas para solucioná-los. Através das alegorias, coreografias, canções, passamos uma mensagem, isto é, a valorização da vida cotidiana do caboclo ribeirinho, aspectos da cultura dos povos indígenas e atitudes que beneficiam a relação do homem com a natureza. (LIMA, julho de 2020).

As temáticas das apresentações passaram a ser uma ferramenta que ajuda a identificar as necessidades do município. Com isso, apesar de se ter como tema principal a preservação do meio ambiente, ou a preocupação com os povos da região, há a inclusão de outras temáticas na mesma apresentação. Em entrevista realizada em 20 de junho de 2019, o presidente da ciranda Guerreiros Mura, professor Renato Teles afirmou:

Apesar de termos um tema principal, vários problemas socioculturais de nosso município são abordados. Já falamos sobre o desemprego, sobre a criminalidade, sobre a infraestrutura, sobre nossos patrimônios e muito mais. Então além de desenvolver como temática principal a preservação do meio ambiente e a cultura DOS povos indígenas e ribeirinhos temos como subtema os reais problemas encontrados aqui em Manacapuru, na esperança que possamos fazer a diferença. (TELES, 2019).

Assim, o Festival de Cirandas de Manacapuru também representa um veículo de formação e informação sobre a cultura local, onde o dançar ciranda se transforma em denúncia dos problemas sociais e culturais vigentes, enaltecendo a cultura dos povos da região como expressão máxima da Amazônia, com seus contos, mitos,

lendas, crendices e religiosidades para a formação do povo amazônico.

2.1. Os problemas sociais nas apresentações do Festival de Cirandas

As cirandas têm uma cenografia muito próxima a uma apresentação teatral: danças, gestos, cantos compõem uma síntese que, como o boi de Parintins, se assemelha a uma ópera, na floresta. Tudo isso se concentra, para o espectador, nas músicas e letras das canções que revelam a intenção de passar uma narrativa sobre a região. São os temas e seu desenvolvimento, portanto, que fazem a diferença entre as cirandas e são motivo maior do olhar e dos ouvidos atentos dos jurados.

2.1.1. O tema das cirandas

O formato de apresentação do tema é um item a ser avaliada pelos jurados desde a quarta edição do Festival, que ocorreu no ano de 2000. Ele é denominado de Item 12, Tema e Desenvolvimento, com a apresentação a ser dividida em atos. Nesse sentido, foi observado que durante todo esse período as apresentações variavam entre dois e três atos, e apresentavam tema referente à história dos povos da região e questões relacionadas ao meio ambiente. A divisão em atos faz com que o último ato represente a necessidade de solução do problema levantado nos atos anteriores.

Em entrevista concedida em 24 de julho de 2020, Erison Pinheiro, cirandista e compositor da Ciranda Tradicional, que também participa do desenvolvimento dos temas, afirma que:

Um belo exemplo de como são divididas as apresentações foi dado no Festival de 2007, com o tema **Amazônia: A áurea do gás natural**. Toda apresentação foi desenvolvida em dois grandes atos. O primeiro ato apresentou a descoberta do gás natural, ainda no período jurássico, acompanhada da criação da bacia Amazônica e toda a sua biodiversidade. No segundo ato foram mostradas as diversas formas de exploração dos recursos naturais dessa grandiosa região, com a necessidade de preservação da natureza. E tudo isso foi mostrado através de muito bailado, muito gingado regido de belíssimas cirandadas, transformando toda essa festa em um belíssimo espetáculo de cor. (PINHEIRO, julho de 2020).

As escolhas desses temas não são feitas de maneira aleatória. São realizados estudos pelos cirandistas, pesquisadores e artistas responsáveis pelas comissões de arte:

Todo processo de criação da nossa ciranda é baseado pelo tema, nada pode estar fora, assim como o processo de criação das músicas, a dança também segue a mesma linha de raciocínio. Partindo daí, as tarefas são distribuídas, todos passam a ter uma noção de como vai ser a apresentação. Esse tema é escolhido por uma equipe que envolve historiadores e pesquisadores da nossa equipe. (Entrevista com Renato Conde Teles, presidente da ciranda Guerreiros Mura, em junho de 2019).

O tema das cirandas possui a capacidade de motivar os espectadores, os brincantes e a torcida, e é relevante, pois os problemas sociais irão ser expostos pelas canções, pelas danças, alegorias e coreografias. Podemos destacar o Festival que ocorreu no ano de 2004, onde as três cirandas desenvolveram temas relacionados à preservação da natureza, e o foco principal da mídia internacional era o aumento das queimadas e poluição dos rios na Amazônia nos anos anteriores. Sobre a apresentação desse ano, Renato Teles explica:

Foi um bom ano. Parecia até coincidência, mas as três cirandas desenvolveram temas envolvendo a preservação da natureza. Lembro que estávamos sofrendo com as queimadas, tinham manhãs que Manacapuru amanhecia toda branca, era só fumaça. Outro problema era o desemprego, então resolvemos expor esses problemas em nossa apresentação (TELES, 2019).

Essa dinâmica de apresentações com temas aproxima o Festival de Cirandas de Manacapuru com o Festival Folclórico de Parintins, e apesar das mudanças significativas ao longo dos anos, vê-se na apresentação das cirandas a preocupação com o contexto social local e mundial na tentativa de proporcionar um novo olhar sobre o dançar ciranda e a Amazônia.

Partindo desse entendimento, é válido analisar os temas através de duas categorias, voltadas para expressar os problemas sociais relacionados ao homem amazônico e à natureza. Os temas são o meio de comunicação por excelência das cirandas com as torcidas e o público ao mesmo tempo em que expressam o resultado da pesquisa e da sensibilidade artística da comissão de arte.

A primeira categoria, que denominamos **Povos da Amazônia**, faz referência à história da região, do processo de colonização à renovação e exaltação da luta para a preservação da vida e cultura dos povos indígenas e do caboclo, o homem interiorano, o amazônida, expressão máxima da Amazônia.

Denominamos a segunda categoria de **Natureza**, englobando aspectos relacionados ao meio ambiente, preservação da floresta e belezas naturais da

região.

Para tanto, foi tomado como referência na pesquisa o conceito de Povos Tradicionais da Amazônia, definido pelos cientistas sociais Antônio Carlos Diegues e Rinaldo Sérgio Arruda:

Sociedades tradicionais ou povos tradicionais de uma determinada região são definições de grupos humanos diferenciados sob o ponto de vista cultural, que reproduzem historicamente seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base na cooperação social e relações próprias com a natureza. Essa noção refere-se tanto a povos indígenas quanto a segmentos da população nacional, que desenvolveram modos particulares de existência, adaptados a nichos ecológicos específicos (DIEGUES; ARRUDA, 2001, p. 27).

Nessa perspectiva, a categoria Povos da Amazônia passa a compor populações tradicionais com características diferentes das populações típicas dos meios urbanos mais industrializados. Possuem conhecimento profundo da natureza e de seus ciclos, que se reflete na elaboração de estratégias de uso e manejo dos recursos naturais e suas atividades econômicas apresentam forte dependência em relação à natureza. Entram nessa definição ribeirinhos, indígenas, quilombolas, moradores da região que trabalham com o extrativismo e a pesca, além de outros.

A categoria Natureza está amparada na concepção socioambiental, em que o meio ambiente é concebido pelas relações homem-natureza, em constante interação, e, dessa forma, o ser humano passa a ser integrante do meio e torna-se um agente participativo e transformador de seu meio, como destaca o cientista francês Edgar Morin:

A natureza não é desordem, passividade, meio amorfo: é uma totalidade complexa, e o homem não é uma entidade isolada em relação a essa totalidade complexa: é um sistema aberto, com relação de autonomia e dependência organizadora no seio de um ecossistema. (MORIN, 1988, p. 11).

A relação entre homem e natureza pode passar despercebida para boa parte dos indivíduos e grupos sociais. No entanto, essa relação é determinante no que se refere à maneira como o homem percebe e apropria-se da natureza, em especial, dos bens e recursos do denominado ambiente natural. Então, é necessário que ele passe a interagir com o meio ambiente, se encontre dentro da natureza, e seus atos, suas ações irão influenciar o meio. Essa abordagem é encontrada nas temáticas defendidas pelas cirandas.

As duas categorias não foram descritas diretamente pelos cirandistas na

construção dos temas, porém, foi evidenciado através de relatos de seus dirigentes a predominância de temáticas diferentes para cada ciranda, que estão ligadas as suas origens. Com isso, a Ciranda Tradicional apresenta um equilíbrio entre as duas categorias, e as Cirandas Guerreiros Mura e Flor Matizada apresentam predominância para a categoria Povos da Amazônia.

O que existe em comum nas duas categorias é a utilização do imaginário como uma forma de despertar o interesse dos espectadores. As letras e as sonoridades das canções compartilham as atitudes imaginativas em relação aos temas. Entender esse processo de compartilhamento de imaginários contribui para compreender melhor o processo da comunicação das manifestações artísticas pela mídia.

2.1.1.1. Ciranda Tradicional

Os problemas sociais são abordados através do desenvolvimento do tema, pois toda apresentação é pensada para contar uma história através de uma narrativa teatral, que é completada com as canções, as fantasias, as coreografias e as alegorias. Em entrevista realizada em 24 de julho de 2020, Antônio Bruno de Lima ressalta:

Os cirandistas têm como objetivo, na escolha do tema, o desenvolvimento de três etapas, onde a primeira é expor uma situação ou problema. A segunda é mostrar os pontos positivos e negativos. A terceira é propor soluções para o problema que foi levantado. Isso tudo é feito com muito estudo, onde as temáticas defendidas pelas cirandas findam sempre mostrando a realidade. (LIMA, julho de 2020).

Assim, a narrativa apresentada pelas cirandas é fruto de intensa produção textual sobre os personagens tradicionais de Manacapuru, cujos temas representam, além dos processos sociais, formas de atrair o interesse do público e permitir ampliar conhecimentos sobre a vida local e a região. As duas categorias estão presente nas narrativas, como se pode perceber nos temas desenvolvidos desde o seu início pela Ciranda Tradicional (Quadro 1).

Ciranda Tradicional			
Ano	Edição	Temas	Categorias
2000	4ª	Índio, negro, branco: Uma ciranda chamada Brasil.	Povos da Amazônia
2001	5ª	Nas Águas Encantadas do Piranha.	Natureza
2002	6ª	Amazônia cirandeira: nos sonhos de uma princesa.	Povos da Amazônia
2003	7ª	Murmúrios das águas: um encanto pela vida	Natureza
2004	8ª	Amazônia cabocla: dança das folhas	Natureza
2005	9ª	Manacapuru: uma aquarela de sonhos e alegria.	Natureza
2006	10ª	Amazonas: Um rio de emoções, Mistério e esperança.	Natureza
2007	11ª	Amazônia: A áurea do gás natural.	Natureza
2008	12ª	Amazônia: Pátria amada e mãe gentil.	Povos da Amazônia
2009	13ª	Terra Preta: a Mãe Terra de Alma Indígena dos Caboclos Cirandeiros.	Povos da Amazônia
2010	14ª	Manacapuru: Uma Saga Cabocla Cirandeira Tradicional.	Povos da Amazônia
2011	15ª	UrupacanaM: Uma ciranda do avesso. Nossa história em versos e prosas.	Povos da Amazônia
2012	16ª	Arquimedes: O filósofo popular, Contador de estórias das terras de Manacá.	Povos da Amazônia
2013	17ª	Nos mistérios e encantos das águas de barranco do rio Manacapuru.	Natureza
2014	18ª	Sonhos sonhados: Manacapuru o festival encantado.	Povos da Amazônia
2015	19ª	Mitologia Grega: Deuses e a criação humana.	Povos da Amazônia
2016	20ª	Amazônia Colossal de um Povo de Fé, Bravo e Tradicional.	Povos da Amazônia
2017	21ª	Manacapuru, o início da história foi assim.	Povos da Amazônia
2018	22ª	Sapien: A Teoria da Involução Humana.	Povos da Amazônia
2019	23ª	Alado.	Povos da Amazônia

Quadro 1: Temas abordados pela Ciranda Tradicional (2000-2019)

Fonte: Elaboração do pesquisador

A Ciranda Tradicional manteve a categoria Povos da Amazônia se sobrepondo à categoria Natureza ao longo dos anos. Foram treze vezes temas envolvendo povos da Amazônia e sete vezes temas voltados para natureza. Sobre esse fato, o produtor musical e cirandista da Ciranda Tradicional, Paulo Roberto Rodrigues, em entrevista realizada em 20 de maio de 2021, explica:

Os cirandistas são professores, músicos, pesquisadores que estudam a fundo para poder chegar a um tema. A cada ano temos melhorado esse processo de escolha, e o que pesa é o fato de procurarmos mesclar a ciranda original com a realidade de nosso município. O fato de tentarmos ser mais tradicionais faz com que na maioria das vezes os temas sejam relacionados à nossa população, a nossa realidade. (RODRIGUES, 2021).

No decorrer dos anos, o Festival sofreu algumas alterações com o intuito de ser mais atrativo ao público e se adequar à mídia, porém, o formato dos temas se manteve. Esse formato consiste na escolha do tema, e seu desenvolvimento, que deve ter relação com a realidade do município. Os problemas sociais retratados pelos temas podem ser observados desde a quarta edição, em 2000, quando teve início as apresentações por temas. Nesse ano, o tema foi "Índio, negro, branco: Uma ciranda chamada Brasil", que contava a história da ciranda, a mistura de povos e culturas que possibilitaram a chegada da ciranda em Manacapuru, e no fundo trazia

como discurso o preconceito racial.

Em 2007, na décima primeira edição do Festival, o tema foi "Amazônia: A áurea do gás natural", que contou a história do gás natural desde a sua origem, passando pela sua formação até chegar às formas modernas de utilização, enfatizando a importância para o desenvolvimento socioeconômico e cultural da região e principalmente como alternativa de preservação do meio ambiente. Em entrevista realizada em 24 de julho de 2020, a professora Dra. Danielle Mariam Araújo dos Santos, comentarista naquele ano, afirma que:

Foi uma apresentação que precisou de muito estudo. Observamos que com a vinda do gasoduto surgiram muitos empregos em Manacapuru. Daí, tivemos encenações que mostravam o trabalho dos operários. Kremans foi à palavra que estava contida na principal canção e significa gente protegida. E só pra se ter ideia, naquela época o emprego também chegou à zona rural, pois tivemos comunidades como Rosarinho, Cajazeira, em que os agricultores se transformaram em construtores do gasoduto. (SANTOS, 2020).

Nessa perspectiva, apesar do tema ser classificado como natureza, ele se desdobrava, ia muito além da importância da preservação da vida, e mostrava uma série de benefícios que a exploração sustentável poderia trazer para o município.

Em 2016, na vigésima edição do Festival o tema foi "Amazônia Colossal de um Povo de Fé, Bravo e Tradicional", enfatizando as riquezas da Floresta Amazônica, e os benefícios que a floresta oferecia ao homem. Trazia como reflexão a degradação da natureza, o desaparecimento da caça, a poluição dos rios e a exploração da floresta de forma predatória. Em entrevista realizada em 24 de julho de 2020, a diretora da Ciranda Tradicional, Erondina dos Anjos que ajudou no desenvolvimento do tema, afirma:

Em 2016 a Ciranda Tradicional veio com quarenta pares de cirandeiros, e se vestiu de Amazônia, veio toda verde, apenas com uma frente dourada representando a riqueza da floresta. Como grande final, mostrou a importância de se manter a floresta viva, preservada, pois ela nos fornece a vida. Foi um lindo espetáculo que trouxe o título para bairro de Terra Preta. (ANJOS, junho de 2020).

A principal canção "Sabedoria tradicional", composta pelos cirandistas Paulo Roberto e Erisson Pinheiro, realça os benefícios que a floresta fornece aos habitantes da região, que sabem combinar a sabedoria tradicional com os conhecimentos mais modernos, para usufruir dos recursos oferecidos por ela, ajudam a preservar a natureza.

2.1.1.2. Ciranda Flor Matizada

Das três cirandas, a Flor Matizada foi a que melhor equilibrou as duas categorias em estudo (Quadro 2). Foram dez apresentações com temáticas voltadas para Povos da Amazônia e dez voltadas para a categoria Natureza.

Ciranda Flor Matizada			
Ano	Edição	Temas	Categorias
2000	4º	Raízes de um povo milenar.	Povos da Amazônia
2001	5º	Uma história de ciranda.	Povos da Amazônia
2002	6º	Uma Expressão Cabocla	Natureza
2003	7º	A ciranda de Fibra.	Natureza
2004	8º	Amazônia, Magia e sedução.	Natureza
2005	9º	Ciranda Brasil: 25 anos de folclore.	Povos da Amazônia
2006	10º	Hévea Brasileiros: Um Conto Amazônico	Natureza
2007	11º	Mamirauá a Estação da Vida.	Natureza
2008	12º	Uma Amazônia inventada.	Povos da Amazônia
2009	13º	Da infância a melhor idade, a Flor Matizada celebra a humanidade.	Povos da Amazônia
2010	14º	Flor Matizada no Festival: Um Aquecimento Global.	Natureza
2011	15º	Manacapuru: uma princesa cirandeira.	Povos da Amazônia
2012	16º	O Elo do rio Negro e os Encantos de um Novo Eldorado.	Natureza
2013	17º	Um canto da África no coração da Amazônia.	Povos da Amazônia
2014	18º	Rio Amazonas: o roteiro da vida silvestre.	Natureza
2015	19º	Ordem e desordem, a Metáfora da Existência.	Natureza
2016	20º	Raiz, Arte e Paixão do Império da Magia Cirandeira.	Povos da Amazônia
2017	21º	Luz.	Natureza
2018	22º	Poranduba.	Povos da Amazônia
2019	23º	Hecatombe.	Povos da Amazônia

Quadro 2: Temas abordados pela Ciranda Flor Matizada.(2000-2019)

Fonte: Elaboração do pesquisador

As temáticas escolhidas pela Ciranda Flor Matizada representam instrumentos de denúncia dos problemas socioambientais vigentes na Amazônia. No decorrer dos anos, ficou visível o trabalho dos cirandistas referente às pesquisas para fundamentação dos temas, não apenas em questões específicas de Manacapuru, mas sim de toda a Amazônia. Podemos observar na sexta edição do Festival, em 2002, quando o tema foi “Uma Expressão Cabocla”, que tratava de uma apresentação da categoria Natureza, em que a maioria das canções fazia referências à variedade de benefícios que a floresta fornece ao homem da região e como este os utiliza. No último ato, a canção “Verde que te quero ver”, evidencia a preservação da natureza.

Na décima segunda edição do festival, com o tema “Uma Amazônia

inventada”, a categoria abordada foi Povos da Amazônia, e ficou evidente a importância dos cirandistas na escolha do tema. A apresentação foi baseada na obra “A invenção da Amazônia”, da professora da UFAM, Dra. Neide Gondim, que se debruçou sobre o processo de construção do imaginário sobre a Amazônia a partir das narrativas de viajantes desde o início da colonização, que criaram mitos e fabulações inventando uma região, cujas bases não científicas ainda pesam na realidade cotidiana. Em entrevista realizada em 02 de maio de 2021, o cirandista Gaspar Fernandes Neto, que ajudou no desenvolvimento do tema, afirma:

Pela primeira vez uma ciranda de Manacapuru teve seu tema baseado em uma única obra literária: **A invenção da Amazônia**, da professora amazonense Neide Gondim, que retrata a criação dos mais diversos mitos que se incorporaram a essa fabulosa região. A criação desses mitos trouxe para a nossa região uma verdadeira grife, que ficou conhecida mundialmente como Grife Amazônica, que conquistou o mundo, fazendo todos curvarem-se a seus encantos e exotismo e imaginação europeia em relação à Amazônia. Mitos foram contados e retratados em toda apresentação com alegorias grandes e muito brilho no processo de imaginação da Amazônia. Naquele ano, iniciamos mostrando os primeiros contados com os europeus, com os espanhóis na expedição de Francisco de Orellana. (FERNANDES NETO, maio de 2021).

O último ato foi voltado para reafirmar a importância da valorização dos povos indígenas, e teve como destaque a homenagem feita a quatro cirandeiros que faleceram em um acidente de barco. Emocionado, Gaspar Fernandes Neto lembra:

Uma das coisas mais lindas que já tive a oportunidade de ver. Ao final da apresentação ocorreu a homenagem aos quatro cirandeiros que sucumbiram no naufrágio do barco Comandante Sales, no início de maio de 2008. A torcida e todos os brincantes ficaram de mãos dadas, para homenagear e cantar a música **Coração de Cirandeiro**, criada para essa homenagem. (FERNANDES NETO, maio de 2021).

No décimo oitavo Festival, que ocorreu em 2014, o tema da ciranda “Rio Amazonas: o roteiro da vida silvestre”, referente à categoria Natureza, mostrou na apresentação a história do rio Amazonas, a diversidade da vida que ele sustenta, contadas por “Seu Manelinho”, um personagem da ciranda original, um regatão contador de histórias de suas viagens pelo rio Amazonas. Apresentou como principal temática social a importância da preservação dos rios, com a influência do homem no equilíbrio do meio ambiente.

2.1.1.3. Ciranda Guerreiros Mura

A Ciranda Guerreiros Mura ao longo de sua história apresentou preferencialmente temáticas voltadas para a categoria Povos da Amazônia, usando do imaginário despertado pelos mitos e lendas dos Mura, para mostrar a importância da preservação da cultura dos povos indígenas e a influência de outras culturas, de outros povos, que devido à colonização e imigração contribuíram para a atual situação.

Das vinte edições com temas, a Ciranda Guerreiros Mura desenvolveu dezessete temáticas voltadas para categoria Povos da Amazônia e três voltadas para a categoria Natureza (Quadro 3).

Ciranda Guerreiros Mura			
Ano	Edição	Temas	Categorias
2000	4ª	Ciranda de lendas, encantos e magias.	Povos da Amazônia
2001	5ª	Nação Munduruku: Histórias, lendas e mitos.	Povos da Amazônia
2002	6ª	O homem e a influência celeste na ciranda da vida.	Povos da Amazônia
2003	7ª	Bem-vindos à Manacapuru: Conheçam a Princesinha do Solimões.	Natureza
2004	8ª	Amazonas: Um reino que encanta e clama pela preservação.	Natureza
2005	9ª	Amazonas, história e lendas de um povo guerreiro.	Povos da Amazônia
2006	10ª	Ciranda do Amazonas: Folclore e arte.	Povos da Amazônia
2007	11ª	Apocalipse: Os Guerreiros Mura e a divina revelação.	Povos da Amazônia
2008	12ª	Hileia Amazônica: Lendas e causos caboclos.	Povos da Amazônia
2009	13ª	A Amazônia encantada: Uma utopia cabocla.	Povos da Amazônia
2010	14ª	Manaus deusa mãe, rainha do Amazonas.	Povos da Amazônia
2011	15ª	Moisés: O Guerreiro da Liberdade, uma história de fé.	Povos da Amazônia
2012	16ª	Através de histórias, lendas e mitos, a Guerreiros Mura celebra o amor.	Povos da Amazônia
2013	17ª	A fantástica jornada de um guerreiro apaixonado	Povos da Amazônia
2014	18ª	Bravos Índios Mura: Das lutas à vitória, a consagração dos guerreiros cirandeiros.	Povos da Amazônia
2015	19ª	Jesus Cristo: O guerreiro da salvação.	Povos da Amazônia
2016	20ª	Somos luta, somos glória, Guerreiros Mura uma história de vitórias.	Povos da Amazônia
2017	21ª	Amazônia, o amor e a bravura de um guerreiro cirandeiro.	Povos da Amazônia
2018	22ª	Miriti Tauá: A lenda.	Natureza
2019	23ª	Tabaturuna.	Povos da Amazônia

Quadro 3: Temas abordados pela Ciranda Guerreiros Mura (2000-2019)

Fonte: Elaboração do pesquisador.

A primeira edição em que a Ciranda apresentou a temática voltada para os problemas sociais envolvendo a categoria Natureza ocorreu em 2003, na sétima edição do festival, cujo tema foi “Bem-vindos a Manacapuru: conheçam a Princesinha do Solimões”, que se destacou pela necessidade de se lutar pela preservação da natureza contra a ganância do homem. As principais canções foram **Curupira**, que exaltava o protetor da floresta contra o desmatamento; **O canto do Uirapuru**, que destacava a necessidade de preservação da fauna, e a **Lenda do Maracati**, com o destaque para uma cobra que protegia os rios das pescas

predatórias.

Na décima terceira edição do Festival, que ocorreu em 2009, o tema da Ciranda foi “Utopia cabocla”, que mostrou a história da Amazônia pensada por “Seu Manelinho”, um dos principais personagens da Ciranda, cuja imaginação o leva a ver a floresta pujante se os recursos naturais fossem explorados de forma sustentável, e a importância do caboclo nesse processo. Em entrevista realizada em 24 de julho de 2020, o compositor e cirandista Lurdem Cley Monteiro afirma:

Para melhor desenvolver o tema, tivemos que subdividi-lo em três atos. O primeiro ato representou a convocação onde seu Manelinho envolto de sua utopia querendo ver uma Amazônia melhor se encontra em um sonho com seu Honorato, que o levará a uma fantástica viagem pela Amazônia e tentará conscientizar e depois preservar a Amazônia. No segundo, mostramos as riquezas naturais da Amazônia, e no terceiro a força do povo ribeirinhos, do caboclo da Amazônia, que através de muito trabalho e esforço usa esses recursos para a sobrevivência. (MONTEIRO, julho de 2020).

Em 2019, o tema da Ciranda Guerreiros Mura foi “Tabaturuna”, que significa aldeia valente. Trazia como principal temática a invasão das reservas indígenas da região e a perda da identidade indígena das tribos. Mostrou em sua apresentação a aldeia Trumaí dos índios Mura, que profanaram o templo sagrado e sofreram três maldições. De acordo com entrevista cedida em setembro de 2019 pelo compositor e historiador da Ciranda Guerreiros Mura, Thyago Cavalcante:

Na apresentação deste ano, levaremos para a arena as histórias, mitos e lendas que rodeiam toda trajetória da tribo dos Mura, que foram os primeiros habitantes das terras de Manacapuru. Levaremos a aldeia Trumaí. O Cauré, senhor da aldeia. O Kuarashi. A Luana que foi o raríssimo caso da primeira mulher pajé. Uma mescla de nossas raízes, dos nossos ancestrais com a cultura cirandeira. (CAVALCANTE, 2019).

A apresentação mostrou o contraste entre os índios Mura, valentes, lutadores, e como eles eram vistos pelos governantes, que objetivavam reduzir seus direitos, decretando leis que amparavam a extração de madeira e exploração do garimpo em suas terras. Ao fim da apresentação, antes da canção **Tabaturuna**, o apresentador Gamaniel Pinheiro faz um discurso a respeito desta situação:

É o momento mais drástico, que a nossa Amazônia está passando. É no momento de reflexão que estamos aqui para falar que nossas terras estão sendo invadidas, demarcadas. Herança colonizadora, com o mal que anda longe da criatura. Os nossos Caciques estão

morrendo, mulheres, crianças, guerreiros. Garimpos estão avançando e com eles à condenação à morte. Morre a cultura, a terra, a vida dos povos indígenas. Em nossas veias correm todos os segredos da Floresta. As formas de vida que nela existem, das raízes das árvores, até a busca do ser... (PINHEIRO, 2019).

A Ciranda Guerreiros Mura, em suas apresentações, tem dado predominância a temáticas voltadas para a preservação dos povos da região.

2.1.2. Canções como veículo de denuncia social e ambiental

A tocata ou tocada representa um agrupamento de vozes e instrumentos musicais como percussão, instrumentos de corda, metais e eletrônicos que irão formar a base para o desenvolvimento musical das cirandas na arena. A harmonia, o ritmo, o afinamento instrumental e indumentária dos músicos são um item a ser avaliados pelos jurados.

Outro item avaliado é a cirandada (letra e música), que expressa a música eleita para representar um momento ligado à temática desenvolvida, primando pelo ritmo inerente às Cirandas de Manacapuru, devendo a mesma cumprir os parâmetros de construção poética e musical.

Nesse sentido, fica evidente que o tema representa uma importante etapa na produção das apresentações, e que o imaginário amazônico que nasce no tema possui um propósito. Teles afirma também que:

O processo de criação das músicas é sempre complicado. Elas precisam se encaixar na narrativa criada. Precisam fazer parte da história que queremos passar, e principalmente despertar emoção aos expectadores do festival. Então, nossa equipe de compositores e músicos trabalha com esse objetivo. (TELES, 2019).

As canções das cirandas simbolizam recursos sonoros que podem ser uma importante ferramenta de descobertas de determinadas culturas, costumes, regiões, fatos e vivências. Faz parte da natureza humana expressar sua cultura e registrá-la através das artes, documentos e também da música. Com o passar do tempo novos estilos musicais foram criados, porém, certas formas musicais surgiram em um determinado período e continuaram existindo, mesmo que perdendo certas características e transformando-se conforme o estilo geral. As cirandas ao longo da existência do Festival procuraram manter a essência de suas canções originais.

Em entrevista ocorrida em 06 de março de 2021, com o músico e jornalista Hashidy Moraes, que durante anos trabalhou como compositor da Ciranda

Tradicional, e atualmente participa do grupo musical Alma Cabocla, de Manacapuru, retrata a importância das canções para os cirandeiros:

As canções representam a história do nosso povo sendo registrada através da música, através da poesia cirandeira. As cirandas tem sido um dos maiores veículos de disseminação e de difusão de nossa cultura através músicas, dos discos, das fonografias. (MORAES, 2021).

Dada a importâncias das canções para o desenvolvimento das apresentações, selecionamos algumas letras para análise mais detalhada, agrupando-as pelas duas categorias que os temas das cirandas abordam: Natureza e Povos da Amazônia.

O músico Hashidy Moraes percebe o amadurecimento da percepção dos letristas ao longo dos anos, pois foram observadas as mudanças ocorridas nos instrumentos musicais. Novos instrumentos foram incluídos e, de acordo com o músico, essas mudanças ocorreram de forma gradual, e aos poucos as três cirandas foram a elas aderindo como maneira de adequar-se à realidade. Afirma:

No início eram apenas quatro instrumentos. O violão, o atabaque e o pandeiro. Aos poucos foram incluídos o contrabaixo elétrico, a bateria e o teclado sintetizado. Implementaram a maneira de tocar e a composição harmônica. Mesmo com o acréscimo dos instrumentos, não houve a perda das raízes, da identidade musical. (MORAES, 2021).

Para podermos perceber a evolução dos temas nas músicas, analisaremos duas canções de cada ciranda nos anos de 2000 e 2019, primeiro e último festival, pois em decorrência da pandemia em 2020 não houve apresentação.

2.1.2.1. Ciranda Tradicional - Anos 2000 e 2019

No ano de 2000, o tema da Ciranda Tradicional foi “Índio, negro, branco: uma ciranda chamada Brasil”, que fez referência à categoria Povos da Amazônia. Mostrou como a mistura de raças, costumes e cultura fortaleceu os povos da Amazônia. As canções destacavam os conflitos que ocorreram por todo o Brasil, associados às lendas e mitos da região amazônica.

Braços da África (Paulo Roberto, Erisson Pinheiro, 2000)

Para onde conduz nossas águas / carregando sofrimento / para levar

nossas mágoas / encharcadas de lamentos / negro é grito que ecoa / em grandes cafezais / negro é braço / que ergue enormes casarões, mosteiros, palácios, igrejas e arraiais / negro é mão que amamenta essa grande nação / na cor desta raça de grandes quilombos / temos inspiração para viver e dançar / rodar a saia e arrepiar / cirandeia, roda, gira e rodopia no ar / negro é zumbi / somos todos nós / vibração do festival / é o braço cansado construindo esperança / negro é axé, alegria é libertação / negro é raça, negro é dança é ciranda / Anastácia de fé / negro é luta, negro é festa / é ciranda na ponta do pé.

É uma canção que retrata a realidade dos negros no período da escravatura. Mostra que mesmo tendo sofrido com a escravidão, os negros contribuíram com a formação cultural do país. Uma parte da história que apesar de mostrar tanto sofrimento, enfatiza a herança que os negros deixaram em nosso país, a mistura que possibilitou nossa formação.

O segredo de Jacuaruá (Hashidy Moraes, 2000)

A lua espalha seu brilho / o lago reluz seu poder / a taba estremece de amor / tambores retumbam o som encantado / a taba sagrada evocando Tupã / canto bem forte o canto de amor / Pajé inicia o rito sagrado / a margem do lago Jacuaruá / o canto que rege a fertilidade / verde da terra Jaci Taperê / a tribo em festa Jaci vem saudar / Jaci aparece linda reluzente / seu brilho ecoa nosso festival / bailado agitado / pra cirandeira Jaci iluminar a Tradicional / o lago sagrado de Jacuaruá / esconde segredos de Muiraquitã / em noite de festa prazer e alegria / Talismã eterno da cor de esmeralda / e atrai os homens filhos de Tupã.

Jaci é a deusa Lua, protetora das plantas, dos amantes e da reprodução. Na canção ela representa a fertilidade nas plantações através de festas e rituais voltados para prosperidade da aldeia. Podemos refletir sobre o entendimento de Paes Loureiro (1995, p. 189), que ressalta o imaginário como um recurso imaginal de criação de novos mundos e novas realidades, principalmente em se tratando de Amazônia. Então, esclarece o pesquisador:

Esse caráter tão presente na vida amazônica decorre de um sistema de vida em que a relação do homem com a natureza propiciou essa necessidade de criar, pelo seu imaginário, novos mundos e novas realidades. O imaginário povoa esses

mundos de deuses, mitos e lendas, e, ao mesmo tempo, de entidades de uma significação tão rica em modos de compreender a realidade e de interpretar o mundo por meio de uma reflexão alegórica.

A complexidade amazônica permeia esse mundo labiríntico em que o homem preenche e é preenchido pela floresta, pelos rios e pelo imaginário.

De acordo com o cirandista Antônio Ailson Cavalcante de Amorim, representante da Ciranda Tradicional, no ano de 2019 o tema da Ciranda Tradicional foi Alado, na categoria Povos da Amazônia. O apresentador da ciranda Bruno de Souza ao longo do festival contou a história da tribo dos índios Mura, considerados perigosos por afrontar e amedrontar os colonizadores. Eram conhecidos como homens pássaros por sua capacidade de conhecimento territorial e visão geográfica. Eles entregaram suas almas a Nhamandú, considerado o deus criador, não tendo uma forma antropomórfica, e deu aos Mura a coragem, porém, mais tarde, estes teriam se catequizado, recebendo a influência do homem branco.

O compromisso dos Mura seria levar os corpos dos guerreiros em uma grande viagem para a cidade de Matifaru onde seriam cremados e suas almas pudessem efetuar a transcendência para o mundo espiritual.

Nhamandú criou os pássaros como animais perfeitos, para que os Mura tivessem suas inspirações e os devaneios fossem criados para transformar o imaginário da humanidade.

Porém, o homem branco se aproveitou dos pássaros para construir armas voadoras chamadas de pássaros de ferro, para destruição e combate.

Todos os povos se uniram para pedir perdão a Tupã, para tentar impedir que o homem branco cortasse os céus com suas grandes armas de guerra. Porém, depois de tanta morte e destruição, as águas que levam o imaginário caboclo já não eram as mesmas.

Mas é preciso esforço para não padecer, é preciso manter a cultura, é preciso manter a Maloca, pois lá acontecem as grandes transformações e tudo é pássaro de geração em geração. Os ritos que permeiam o imaginário criam mundos, ganham asas onde as entidades vagueiam. Heróis se transformam, mesclam culturas e, filha da resistência, Mãe África se transforma em Mãe Yara do mar, Mãe Yara dos rios da Amazônia, em Iemanjá, dança, luta de capoeira e na ciranda. Se torna Mãe Benta, personagem tradicional das cirandas, as mesmas que vieram da Bahia, e são iniciadas nos terreiros de Candomblé, e quando completam vinte e um anos de

idade se transformam em Mãe de Santo. Não só em mãe genitora, mas em benção.

As canções **Wanan Djká** e **Yara** complementam a história contada na apresentação de 2019.

Wanan Djká (Fabiano Neves, 2019)

O crepúsculo mergulha nas águas / Anunciando a morte derradeira / dor e choro por toda a aldeia / Ao bravo guerreiro da tribo vermelha / o filho do sol Tururucari / o ritual fúnebre de cremação vai começar / o terreiro é preparado / e o seu corpo é ungido e rezado pelos anciões / a urna funerária num grande altar / Resplandecerá / a chama da fogueira do bruxo Xamã / que acenderá / para evocar os primeiros raios de sol / de Zuni Tupã / Cantos e preces ao espírito da urna que levitará / que conduzirá a passagem da alma até Matifaru / abrindo suas asas sobre os céus a voar / sou a luz de Wanan Djká / a cremação, a passagem da alma para se eternizar / Wanan Djká.

A canção retrata o ritual fúnebre de cremação indígena na crença da transcendência espiritual. Classificada na categoria Povos da Amazônia, Wanan Djká representa a passagem da alma. Esse ritual era efetuado em forma de oferenda, onde os Mura teriam em troca a visão geográfica e a capacidade de conhecimento do território onde travavam batalhas com os colonizadores, e assim manter a fama de homens pássaros.

A complexidade da organização social das comunidades indígenas pode ser explicada por seus mitos e lendas. Nesse sentido, o etnógrafo Curt Nimuendajú (1987) em seu livro “As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani” relata que:

A organização social das sociedades indígenas é articulada de forma tão complexa, e meticulosa que é mais fácil de entender usando suas lendas e mitos como referência. Os mitos possuem uma função maior e mais importante do que somente a transmissão dos fatos ocorridos nas comunidades, eles são a forma de preservar aspectos fundamentais da cultura e religiosidade indígena. (NIMUENDAJÚ, 1987, p).

Com isso, os mitos cumprem o papel de ensinar através de histórias plenas de simbolismo, que relacionam elementos sobrenaturais com a vida dos seres humanos, dando lições sobre como se deve viver.

Yara (Clemente Furtado/ Jessé Bindá, 2019)

Nhamandú deus supremo / senhor de todas as criações / criou Yara protetora dos rios / beleza e encanto que traz arrepio / figura lendária e estonteante / com seu cantar cativante / enfeitiça os índios da aldeia / encantada e formosa sereia / amazônica / Yara dos sonhos / Yara colossal / fantástica lenda na ciranda / vou cirandar vou cirandar / nessas águas vou me encantar / Yara deusa das águas / metade peixe metade mulher / sentimento de amor e pura ilusão / em razão de seu poder ela é hipnose / é também criação / cuidado cirandeiros / não se deixem envolver / ela atrai os incautos caboclos ao entardecer / com seu canto / com sua beleza / na dança do amor / dança da paixão / mãe d'água senhora dos rios / Yara, doce sedução.

Canção classificada na categoria Povos da Amazônia faz referência à lenda da Yara, que era um ser metade peixe, metade mulher, encantadora de homens. Parecida com uma sereia, sai dos rios todas as noites em busca de homens distraídos, e os leva para as profundezas com a intenção de matá-los. Usa seu canto para enfeitiçá-los.

Laplantine e Trindade (2003, p. 8) justificam que “a representação imaginária está carregada de afetividade e de emoções criadoras e poéticas”. A imaginação é produzida pelo pensamento humano, o ser humano é um ser de emoção, guarda para si, na memória, lembranças de experiências vividas que têm grande valor sentimental e afetivo. E é aqui que o Festival de Cirandas de Manacapuru estabelece relação direta com os espectadores, criando meios para despertar essas emoções, usando uma narrativa que estabeleça uma relação entre o imaginário e o real.

2.1.2.2. Ciranda Flor Matizada - Anos 2000 e 2019

No ano de 2000, a ciranda Flor Matizada apresentou o tema “Raízes de um povo milenar”. Trouxe para o Cirandódromo o desencontro de dois mundos: o sonho dos europeus de conquistar riquezas que se tornaria o pesadelo dos povos da América. Então teve início um processo que levou à dominação dos povos indígenas e foi o auge de um longo período de exploração. A apresentação destacou que a colonização portuguesa teve como principais características a submissão e o extermínio de milhões de indígenas. Os europeus chamaram de índios os povos

nativos da região, englobando toda a diversidade cultural indígena nesse nome generalizante, criando certo entendimento de que os povos indígenas eram todos semelhantes.

Em busca de terra e de paz (Clemente Furtado, 2000)

Degradados aventureiros / vieram colonizar / as terras do Novo Mundo / conseguiram conquistar / impuseram ao nativo / deixar sua morada / oprimidos reprimidos deprimidos / escravização / tupi tupiniquim / cunhantã curumim / duaré jatiça / oder maracá / encontro de raças civilização / tumbeiros / navios tumbeiros / vieram preconizar a dor e o sofrimento / fizeram cativo o índio / acoitado maltratado humilhado e condenado / civilização.

Esta canção pertence à categoria Povos da Amazônia. Nela é retratado o processo de escravização dos povos indígenas, e toda a dor e sofrimento causados pelos colonizadores. Várias tribos foram dizimadas por conta do conflito com os portugueses ao recusarem o trabalho escravo. A canção objetiva despertar o imaginário através de uma viagem no tempo, onde a realidade imaginativa do homem fundamenta sua orientação com o mundo de imagens e suas relações. O antropólogo francês Gilbert Durand (2002, p. 18) explica que:

O imaginário é conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensador do homo sapiens. Aparece-nos como o grande dominador fundamental onde se veem encontrar todas as criações do pensamento humano. O imaginário é esta encruzilhada antropológica que permite esclarecer um aspecto de uma determinada ciência humana por outro aspecto de outra.

Nesse sentido, as imagens são abstrações do pensamento humano que se constituem a partir de conhecimentos prévios capturados na natureza e compõem o quadro imaginário humano.

Curandeiro da Paz (Dermilson Andrade, 2000)

Xamãs Pajés / curandeiros guardiões de segredos e poderes / milagreiros dos chás / folhas cascas raízes / em seus sonhos profundos / invoquem a proteção a proteção de Angaturama / a essa nação empobrecida e discriminada / vou fumar um cachimbo da paz / viajar na imaginação / sou pajé na trilha de sonhos / em busca de paz pra essa grande nação / nesse

ritual Arrudá / entoar uma nova canção / protestar contra os que ferem a vida / sou Murupichauá / na selva caieté / sou chefe sou índio / defensor da vida desse povo amazônica / sob a luz / pegada a lua / envolto ao cheiro de chão / reverencia a vida / em profunda oração / verde são as maravilhas / mas também grande aflição / esse povo pede paz / vida plena e união.

A canção **Curandeiro da Paz** faz alusão à cultura dos povos indígenas, em ritual de proteção. O Cachimbo da Paz é o que se tem de mais significativo na relação entre os povos indígenas e seus rituais. É o momento em que há a possibilidade de encontrar-se com seus ancestrais para receber conselhos. É aí que nos lembramos da harmonia que pode ser alcançada através da união de todos que nos cercam naquele momento. Na canção é solicitada a proteção de Angaturama, que em Tupi, representa o espírito protetor da selva.

Ainda de acordo com o cirandista Gaspar Fernandes Neto, o tema da Ciranda Flor Matizada no ano de 2019 foi “Hecatombe”, e teve como apresentador o cirandista Ivan Oliveira, que ao longo da apresentação trouxe a história da floresta como protagonista de uma fábula amazônica para mostrar a riqueza de vida e cultura existente na face verde do planeta.

O apresentador da ciranda é o responsável pela apresentação da ciranda durante o festival. É um item a ser avaliado pelos jurados, e representa o anfitrião da festa, o mestre de cerimônias que apresenta o tema, podendo até encarnar um personagem. O domínio da arena do público, fluência verbal, carisma, atenção e dicção são alguns dos méritos avaliados.

Tudo teve início quando o caçador cirandeiro foi surpreendido na floresta por vozes e luzes que lhe mostram um fenômeno espacial ocorrido no dia 13 de agosto de 1930, no município de Atalaia do Norte. Esse fenômeno ficou conhecido como Tunguska brasileiro, trazendo a magia que fez a selva se tornar um organismo vivo único, capaz de se comunicar.

Esse fenômeno foi provavelmente uma queda cósmica ocorrida na região do rio Curuçá, em Atalaia do Norte, Amazonas. À época, ribeirinhos e indígenas da região afirmaram ter visto "bolas de fogo" caindo do céu sobre a margem direita do rio. A queda produziu uma grande quantidade de quark, que é uma partícula elementar da matéria, que está contida nos prótons, nêutrons e elétrons, sendo considerada uma das partículas mais fundamentais. Essa energia foi absorvida pela

floresta, fazendo com que a história do planeta Terra fosse mudada, tivesse outro destino. A Floresta revela ao caçador que após receber as partículas, todas as árvores se interconectaram, fazendo da selva um organismo vivo único, que pensa e se comunica.

O caçador transmite ao Galo bonito e a Seu Honorato (personagens das cirandas); a revelação da selva sobre a importância da preservação das populações originais, pois eles eram detentores do conhecimento, das misturas naturais, da etnociência, devido séculos de intensa interação com a natureza. O caçador revela também histórias de como a civilização foi prejudicial à floresta, dando como exemplo a borracha, que foi um produto oferecido pela floresta que colocou o mundo sobre rodas, trouxe os nordestinos e a ciranda para a Amazônia. Mas mesmo enriquecendo tanta gente, a própria floresta não entende o motivo da civilização querer destruí-la.

Por fim, ficou a mensagem de que a natureza nos dá o que precisamos para viver e também mantém o mundo em equilíbrio, apesar dos problemas ambientais causados pelos seres humanos. Mas, mesmo assim, é a mãe natureza que dita as regras do planeta Terra, com suas próprias maneiras e tempo, cabendo ao homem procurar conhecimentos para evitar a Hecatombe.

Seiva da vida (Luiz Carlos Magno, 2019)

A mãe natureza nos presenteou / com todo seu amor / a seiva da vida do seio da grande floresta / a seiva que veio transformar o destino da humanidade / que fez o mundo / sobre rodas caminhar dos seringais / à borracha natural fez de Manaus / a capital da beleza paris das selvas / exuberante progresso / luxo e riqueza a floresta mostrou seu empoderamento / a seringueira mudou o rumo do planeta / mas a ganância causou sofrimento ferindo / a mãe natureza quanta tristeza / preservar é preciso / sim senhor contou a seu Honorato / o caçador que veio do nordeste / pra trabalhar a força e a garra de um povo vencedor / trazendo na bagagem a coragem / e a herança de cirandear / é a seiva da vida gira a roda / gira meu coração flor matizada querida a ciranda do meu coração.

Esta canção pertence à categoria Natureza. Trata de uma visão que o caçador teve na floresta, mostrando como a ganância dos homens pode significar a Hecatombe, a devastação de todas as árvores da Amazônia. A borracha, um

produto oferecido pela floresta, provocou grandes mudanças no mundo, mas também foi responsável pela chegada da ciranda na região, pois possibilitou a migração dos nordestinos para a região. Porém, a devastação da floresta em nome da modernidade e a ânsia pelo poder ameaçam a sobrevivência de todos. Edgar Morin adverte:

O homem não é uma entidade estanque em relação a essa totalidade complexa: é um sistema aberto, em relação de autonomia e dependência organizadora no seio de um ecossistema (MORIN, 1975, p. 31).

Quando reconhecemos a integração entre o homem e a natureza e as analisamos como interdependentes há o reconhecimento da inserção e da necessidade de cuidados para com o ambiente e a mudança de ações voltadas à preservação da natureza.

Matizado Esplendor (Sidnei Zilo Seixas, 2019)

Meu coração palpitou / um canto ecoou / por toda a floresta segredos / mistério profundo plantaram o mundo em perfeita harmonia / saber conviver aprender conhecer o valor do povo ancestral / olhar enxergar perceber começar a tecer / a teia da vida real / gira girando faceiro na roda da vida / o cirandeiro da flor bailando na linha do tempo / é puro talento na luz da manhã / matizado esplendor / sementes lançadas ao solo brotaram fecundas por todo esse chão / e o nativo escolheu cultivar / lilás e branco, branco e lilás / tem algo mais na minha bandeira / é um canto a serviço da vida / um pedido de preservação o clamor / do galo bonito pela memória da minha nação.

Pertencente à categoria Natureza, esta canção enaltece o momento da apresentação em que os seres da floresta estão em perfeita harmonia. Mostra a necessidade do homem entender que faz parte da natureza, faz parte de uma complexa cadeia que necessita que todos exerçam suas respectivas funções. Traz alguns elementos que identificam a Ciranda Flor Matizada.

2.1.2.3. Ciranda Guerreiros Mura - Anos 2000 e 2019

O tema da Ciranda Guerreiros Mura no ano de 2000 foi Ciranda de lendas, encantos e magias. Contava a importância das lendas, dos mitos, das histórias dos povos da Amazônia para a preservação da floresta.

O lendário Mapinguari (Gamaniel Pinheiro / Hemanyel Pinheiro, 2000)

No cheiro de mato, da terra e do chão / o homem lendário traz no coração / o seu habitat como proteção / negros cabelos lisos caídos / o murmúrio do vento faz suave canção / as folhas dos bosques tocando entre as mãos / se esconde na selva e usa a razão / Mapinguari Mapinguari / é folclore da gente / história cabocla amazonense / defende a floresta do predador / cortando a cabeça do caçador / se não fossem as lendas / de mistérios e medos / a nossa Amazônia / acabara mais cedo.

Esta canção retrata a lenda do Mapinguari, um ser presente nas lendas dos povos indígenas. Classificada na categoria Povos da Amazônia, fala de um índio guerreiro que de tão valente, após sua morte em batalha, foi transformado em um animal pela mãe natureza. O Mapinguari, então, começa a impedir os caçadores e madeireiros de penetrarem na floresta, os afugentando com seu urro.

A origem da Mandioca (Gamaniel Pinheiro / Hemanyel Pinheiro, 2000)

Dança o cirandeiro / canta o cantador / sobre o grito das nações / no parque do ingá / a lenda da mandioca / a ciranda mais querida vai apresentar / no segredo da mata Rudá, emprenhou / linda, pura, ainda virgem / Acauã, seu velho pai / não acreditou / o velho pajé, Acauã / envergonhado e triste ficou / em sonho falou com Tupã / e seu deus, o tranquilizou / nove luas passadas, aconteceu / como vira Acauã, a sonhar / uma linda menina, nasceu / toda a Mundurucanha veio visitar / Mani / a felicidade voltou reinar na maloca / com seis meses Mani já trabalhava na roça / um dia doente ficou / o dia calou-se a Jaçanã / desolada, a natureza silenciou / o uirapuru não cantara pela manhã / vitória-régia murchou / morreu a linda cunhã / sepultada em frente da oca / num jardim regado com amor / nasceu a preciosa mandioca / em alimento se transformou.

A canção retrata a história contada pelos ancestrais indígenas sobre o surgimento de um de seus principais alimentos, a mandioca, que de acordo com a história nasceu após um momento de tristeza decorrente da morte da menina Mani. A história recorre ao imaginário para explicar esse fato.

Na disputa do 23º festival de Cirandas de Manacapuru, em 2019, a ciranda

Guerreiros Mura desenvolveu o tema “Tabaturuna”, tendo como apresentador o cirandista Adalto Junior, que contou a história da aldeia Trumaí, localizada em Manacapuru e habitada pelos índios Mura. Eles profanaram o templo de Tupana, que por esse ato deixou de proteger a aldeia. Sumá que era uma deusa má, devoradora de homens, vendo a oportunidade se aproximou de Trumaí com o objetivo de acabar com a etnia dos Mura. Então os índios Mura uniram-se e expulsaram a deusa de seus domínios, que antes de partir lançou 3 maldições sobre os Mura. A primeira seria uma grande chuva que iria destruir toda a aldeia. A segunda, representada por um cacique antropófago e devorador de curumins. E a terceira, seria uma grande guerra contra a tribo dos Aruaques, que eram inimigos mortais dos índios Mura.

A primeira prova de Sumá ocorreu quando os índios da aldeia Trumaí foram atingidos na alma por espíritos malfazejos, e com isso, passaram a levar a vida de forma desordenada e má, e nas festas que em honra a Tupana celebravam entregaram-se a danças tão lascivas e cantigas tão impuras que faziam chorar os Angaturamas, que eram espíritos protetores que por eles velavam. Por sua vez, Cauré, sabedor de todos os segredos de Tupana, havia advertido que tremendos castigos os ameaçava e que não corrompessem com a prática de tão criminosas abominações, mas cegos e surdos os Mura não ouviram seu líder e a aldeia foi devastada. Algum tempo depois, eles encontram uma esperança no sol como deus supremo, criação de Tupana, que foi responsável pelo fim da chuva. Ao voltarem, encontraram tudo destruído, suas casas, plantações e embarcações haviam sido levadas pela força das águas.

Com a terra seca pela força do sol, Trumaí precisava viver e florescer, então ao cair da noite, Cauré reuniu todos no centro da aldeia e iniciou um novo ritual, direcionado à deusa Ceuci, a estrela maior brilhante das constelações, que fez brotar do chão seco uma flor, responsável por reconstruir toda a aldeia.

A segunda prova de Sumá começa com a jovem índia Luana, que muito jovem adquiriu destaque entre os Mura e ficaria conhecida como a melhor feiticeira de Trumaí. A capacidade da menina de assimilar os conhecimentos passados por seus mestres era tamanha que ela consegue adquirir domínio nas três áreas da magia. Por ser forte e inteligente, conseguiu ganhar destaque na aldeia e se tornar a primeira mulher Pajé de Trumaí.

Conta a lenda que nessa época existia um cacique antropófago, Jacurutu,

que só se alimentava de carne de crianças, e que não dava trégua aos índios Aruaque. Então, Jacurutu passou a se alimentar dos filhos de Trumaí. Logo a Pajé Luana arma uma cilada, invoca Cobra-grande, Boto e Yurará-ramonha, que era o avô das tartarugas, a unirem forças e ajudá-la a enfrentar o cacique canibal Jacurutu. Este, antes de morrer, deixou uma mensagem como pedido de desculpas por ter devorado os meninos da aldeia: que seu cadáver se transformaria em planta, seus braços gerariam o pau vermelho do ipê para a construção de arcos, em taboca para as flechas, em Paracuuba para as ponteiras das setas. E seus cabelos se transformariam em Carauá para dar as penas. E que sua gordura servisse como óleo para lubrificar e amaciar as cordas.

A terceira prova ocorreu logo após a morte de Jacurutu, quando a tribo dos Aruaque planejou uma grande emboscada. Os Mura já estavam preparados, e armados com os presentes dados por Jacurutu, travaram uma brava luta que durou vários dias. Os Mura eram comandados por Cauré, e os Aruaque por sua deusa. A guerra só termina quando Cauré fere de morte a deusa dos Aruaque, fazendo com que seus seguidores abandonem a disputa.

Logo após a vitória, os Mura comemoram com uma grande festa, cantando e dançando para mostrar a toda tribo que venceram a maldição de Sumá, e que já se preparavam para novos desafios.

**Templo Profanado (Gleyson Andrade / Thyago Cavalcante /
Ailson Amorim / Gamaniel Pinheiro / Hemanyel Pinheiro, 2019)**

*Reza a lenda / que os espíritos malfazejos / tomaram conta da alma /
nativos sucumbiram à desordem do corpo / entregando o sagrado ao
prazer / suas vidas à morte / a vida ao desprazer / festas e cantigas /
impuras e lascivas / ninguém ouvia o seu líder / cegueira e surdez / os
Muras perderam a lucidez / desonrando a sua altivez / a maldade na taba
se alastrou / entre festas e danças se via / quanta orgia, quanta orgia / o
templo de Trumaí estava profanado / o índio Mura seria castigado / em
meio à noite a terra estremeceu / na voragem das águas / deusa Sumá
apareceu / envolvida em manta negra / de cipó-chumbo / de cipó-chumbo /
sobre os Muras a criatura então pousou / de castigo a dizimação iniciou /
Tupana ordenou / Cauré convocou Pajé curandeiro / guerreiro Amós /
iniciou a batalha com o sobrenatural / espíritos da floresta / reforçam o
exercito tribal / sete cores / sete flechas / sete espíritos da floresta / deusa*

Sumá lançou a maldição / Cauré com sua magia conteve a dizimação.

A canção é classificada na categoria Povos da Amazônia, e enaltece o início de uma maldição lançada pela deusa Sumá, conhecida por ser a deusa da ira, que envolta em uma manta negra de cipó-chumbo vagava pela terra, espalhando ódio e discórdia, conhecida também como uma deusa guerreira que orientava e protegia a agricultura. Ocorreu na aldeia de Trumaí, localizada em uma região próxima de Manacapuru, sendo uma aldeia dos índios da etnia Mura. Por profanarem o templo da aldeia, Tupana, que representava uma divindade protetora da aldeia, deixa de protegê-la, permitindo assim que a deusa Sumá invadisse a aldeia e começasse uma dizimação. Então Cauré, que era o líder dos índios Mura, convocou o Pajé curandeiro, que representava o sacerdote da tribo, conhecedor de todos os rituais e mensageiro dos deuses. Então o Pajé curandeiro, com o auxílio dos espíritos da floresta, contém Sumá.

Vale refletir que por meio do mito era possível explicar o que estava acontecendo no grupo durante determinado momento, assim poderiam encontrar soluções para seus conflitos bem como respostas para suas inquietações. Os estudos do antropólogo Everardo Rocha (1991) sobre o mito podem aqui contribuir para a compreensão do sentido da lenda:

É errôneo imaginar que é possível definir o que é mito, pois o mesmo apresenta inúmeros significados, já foram utilizados pelos mais diferentes povos, de diversificadas maneiras, almejando objetivos incomuns. E a graça do mito há de ser sempre o desafio, a abertura, o enigma. É livre e sábio o suficiente para não temer a morte, não se deixar escravizar por conceitos que o obriguem a ser isso ou aquilo e só. (ROCHA, 1991, p. 16).

O mito não é uma mentira como muitos imaginam, ele é verdadeiro para quem o vive, sendo bem mais do que um simples contar de história. A verdade do mito não obedece à verdade da lógica, podendo-se concluir que o mito é um relato do que se quer explicar, visto como uma forma de registro da história que não foi só difundida historicamente, ele é a própria história ao passo que a mitologia é o conjunto desses episódios heroicos e históricos das comunidades indígenas.

Nesse sentido, espíritos malfazejos representavam a tentação, o descumprimento das regras criadas pelos próprios índios. Cipó-chumbo é o nome dado a uma planta parasita existente na região amazônica, que não produz clorofila, e por esse motivo depende dos nutrientes de outra planta para se manter viva.

A canção é completada com a narrativa de que Sumá, antes de partir, lança três maldições, sendo a primeira uma grande chuva que iria destruir toda a aldeia. A segunda seria um ataque do cacique antropófago e devorador de curumins. E a terceira seria uma grande guerra contra a tribo dos Aruaque, inimigos mortais dos índios Mura.

O renascer de Trumaí (Gleyson Andrade / Thyago Cavalcante / Ailson Amorim / Gamaniel Pinheiro / Hemanyel Pinheiro, 2019)

Com a terra seca pela força do sol / Trumaí precisava reviver florescer / e no alimento, a força indígena / pra toda o cara reviver / reunidos no centro da taba / convocando a deusa Ceuci / estrela mais brilhante das constelações / a vida na aldeia irá ressurgir / no profundo sono mergulharam / a magia então aconteceu / a linda estrela no céu cresceu / lavouras e ocas, tudo renasceu / Tupana, Guaraci, Ceuci abençoaram / os guerreiros em Trumaí / aos céus, o clamor e gratidão / terra fértil, terra boa pra proteção / vem com a gente nessa festa / que eu te danço pra agradecer / guerreiros Mura faz o encanto acontecer.

Esta canção é classificada na categoria Povos da Amazônia. O cirandista e compositor Thyago Cavalcante (2019), esclarece que a canção faz referência reconstrução da aldeia após o dilúvio. Ao voltarem, encontraram tudo destruído, suas casas, plantações e embarcações haviam sido destruídas pela força das águas. Como o deus sol foi responsável pelo fim das inundações, a terra ficou seca, imprópria para plantações. Cauré que era o chefe guerreiro, reuniu todos no centro da aldeia e iniciou um novo ritual, dessa vez direcionado a deusa Ceuci, que era a protetora das lavouras e das moradias, considerada a estrela maior brilhante das constelações, que faz brotar do chão seco uma flor, que seria a responsável por reconstruir toda a aldeia.

Vale destacar que a palavra o cara representa uma praça localizada na aldeia, que serve de palco para as reuniões. A estudiosa do boi-bumbá de Parintins, Liduina Mendes (1988, p. 41) complementa:

A Amazônia sempre foi um universo que abrigava centenas de povos indígenas, com variantes e complexas formas de organização social, tendo a taba (morada coletiva) como célula definidora dos aspectos de poder, das normas morais, das crenças religiosas, das relações de produção, resultando em elementos culturais comuns da

sociedade primitiva, onde são impossíveis a desigualdade, a exploração e a divisão.

Essa complexidade de diferentes povos indígenas na Amazônia ajudou a fortalecer o modo de viver e conviver dessas sociedades, através de uma organização social que visa o bem comum de todas as nações indígenas, seja na distribuição do trabalho, seja na educação e demais atividades.

2.2. As cirandas e o desenvolvimento sociocultural do município

Nas últimas décadas, o Festival de Cirandas de Manacapuru vem contribuindo para ampliar tanto o despertar do imaginário no cenário amazônico quanto o desenvolvimento de Manacapuru. A festa que começou como uma brincadeira em escolas públicas, é hoje responsável por grande parte da arrecadação do município, pela geração de empregos, melhorias na infraestrutura da cidade e a implantação do ensino superior.

Essas contribuições para a melhoria das condições socioculturais equilibram a economia do município e são incentivos para que jovens e crianças desenvolvam seus potenciais artísticos. O Festival representa um ciclo, que tem início com a escolha do tema e, em seguida, várias áreas começam a movimentar-se. Cirandistas trabalham na criação das canções, nas fantasias, nas coreografias, nas alegorias, no som, na iluminação e em outras atividades.

O Festival de Ciranda de Manacapuru ocorre sempre na última semana do mês de agosto, no entanto, o fluxo de pessoas que participam e daqueles que contemplam os preparativos do espetáculo inicia-se no mês de fevereiro, quando começam os ensaios dos grupos de cirandas. Desde o início dos ensaios até o dia do festival a economia da cidade torna-se mais movimentada devido à chegada de visitantes para prestigiar os ensaios e as apresentações. Isso estimula o surgimento de diversas barracas de alimentação nos locais onde acontecem os eventos e ensaios.

Outro ponto importante são as políticas públicas, com programas e cursos voltados para melhoria do atendimento aos consumidores, locais e visitantes, na qualificação de pessoal. Em entrevista realizada em 24 de julho de 2020, o compositor, cirandista e então Secretário de Turismo de Manacapuru, Lurdem Cley Monteiro, afirma:

A prefeitura lançou projetos e planos voltados para o acolhimento de turistas, comércio, mobilidade urbana, limpeza, meio ambiente e outros. Ofereceu treinamento objetivando melhorar a mão-de-obra local para a melhoria das atividades turísticas. Muitos foram beneficiados com os cursos: comerciantes, taxistas funcionários de hotéis e a própria comunidade. (MONTEIRO, julho de 2020).

Em média, apenas mil ingressos são colocados à venda na arquibancada especial, e os demais lugares são liberados. Durante o ciclo, as cirandas efetuam apresentações para divulgação de canções, fantasias e coreografias. Essas apresentações também servem como forma de fortalecimento da imagem, aumento de torcidas, sendo uma oportunidade de comércio antecipado dos produtos com logotipos das cirandas.

A biodiversidade na Amazônia é muito rica, e sua sociedade traz marcas e características de muitos povos que foram responsáveis pela colonização, ocupação e integração. Por isso, sua formação social e cultural se deu de modo abrangente e, atualmente, é palco de vários estudos e projetos de preservação. Samuel Benchimol (2009, p. 18) enfatiza:

A sociedade amazônica, após séculos de lenta formação social e cultural, deve se integrar não somente a esse processo de desenvolvimento sustentável, mas também assumir as suas responsabilidades, direitos e deveres perante a comunidade internacional. Para tanto, deverá conciliar e promover o uso inteligente dos recursos naturais com as necessidades da melhoria da qualidade de vida de sua população dentro da perspectiva solidária e diacrônica das gerações atuais e futuras.

Desenvolver a preocupação ecológica e ambiental para utilização desses recursos naturais, bem como para um desenvolvimento sustentável que viabilize a vida das pessoas que habitam essa região, é um objetivo que o Festival de Cirandas, através de suas apresentações, canções, coreografias, tenta mostrar à população a importância que esta região tem para a humanidade e a necessidade de preservá-la, utilizando com sabedoria seus recursos naturais.

Boa parte da economia do município de Manacapuru está voltada para a realização do seu Festival Folclórico que acontece anualmente. Nesse sentido, Danielle Mariam Araújo dos Santos, doutora em turismo e atualmente professora da Universidade do Estado do Amazonas, em Manacapuru, “considera que todos os setores da economia são atingidos pelo aumento da circulação de dinheiro trazido pelo Festival”. AS cirandas movimentam a cidade nos meses que antecedem as

festividades, aquecendo o comércio local bem como gerando empregos, embora temporários. Na entrevista concedida em 24 de julho de 2020, Danielle Mariam Araújo dos Santos afirma:

O Festival se tornou um grande evento, que movimenta a economia local e desperta talentos para a cultura. A cidade já possui diversos atrativos turísticos, sendo eles naturais, arquitetônicos e culturais. O evento das cirandas, no entanto, concentra uma grande quantidade de visitantes em um determinado período, que traz recursos para o município e movimenta atividades econômicas de modo direto e indireto o ano inteiro. A cidade agora tem uma identidade, além de ser a “Princesinha do Solimões”, é também a “Terra da ciranda”. Apesar de o evento acontecer por apenas três dias, a dinâmica da cidade em função dele, acontece o ano inteiro. (SANTOS, 2020).

A divulgação da imagem do Festival pelos meios de comunicação impulsionou um novo olhar para a Amazônia. A partir do ano 2000, o festival passou a ser transmitido ao vivo pela televisão, na ocasião pelo canal Amazonsat, da Rede Amazônica de Televisão. Wilson Nogueira confirma:

O interesse do público externo cresce a cada ano, assim como as mudanças na estrutura de apresentação dos cirandeiros: de um lado para atender à expectativa dos visitantes movidos pelo espetáculo; de outro, para atender ao formato de transmissão ao vivo da TV (NOGUEIRA, 2008, p. 129).

No festival que aconteceu no ano de 2001, de acordo ainda com Wilson Nogueira, o interesse público e privado e os diversos incentivos foram os sujeitos que colocaram o evento em evidência a nível regional e nacional. Os festivais folclóricos que ocorreram antes da inauguração da ponte, em 2011, contribuíram para que os estabelecimentos hoteleiros começassem a ser ocupados por turistas dias antes do início e durante todo o festival:

A ciranda de Manacapuru hoje apresenta-se em arena exclusiva e está nas transmissões ao vivo de TV, competindo no mercado da indústria cultural e servindo de ponte aos interesses políticos e econômicos da cidade que ela representa. Em cinco anos de festival, a ciranda já conseguiu mobilizar milhares de turistas. O termômetro desse fenômeno é a ocupação dos hotéis muito antes do evento, que sempre ocorre na última semana de agosto. O cirandódromo fica lotado, embora ainda não seja necessário que o espectador chegue algumas horas antes para garantir vaga na arquibancada, como observei no festival de 2001 (NOGUEIRA, 2008, p. 132).

Com a inauguração da ponte sobre o rio Negro os organizadores do evento e os meios de comunicação noticiam o crescimento anual do número de espectadores

do Festival, devido à facilidade proporcionada nas viagens. Por outro lado, modificou toda a dinâmica dos estabelecimentos comerciais que viam suas atividades crescer devido à permanência mais prolongada destes turistas no município.

2.3. As cirandas no processo de integração social

O Festival de Cirandas de Manacapuru representa uma competição entre três agremiações e toda sua dinâmica competitiva é voltada para a vitória da melhor ciranda. Porém, é necessário contextualizar a história do nascimento das cirandas no município, e como essa competição se tornou uma forma saudável de fortalecimento das agremiações, permitindo que nos dias atuais elas possam fornecer contribuições à sociedade.

As cirandas nasceram em escolas públicas, em um tempo onde os pais e professores se esforçavam para que seus filhos e alunos pudessem se apresentar nas festas juninas, e era praticada somente pelos alunos de suas respectivas escolas, de forma particular, sem a ligação com outras escolas ou agremiações. A ciranda vinha ganhando mídia e ficando cada vez maior. Então, no ano de 1997 foi criado o 1º Festival de Cirandas de Manacapuru, dando mais visibilidade à dança e separando a ciranda das escolas e das brincadeiras juninas. No ano seguinte a ciranda ganharia um espaço só seu, o Cirandódromo. O presidente da Ciranda Guerreiros Mura, Renato Teles, que na época era professor da escola estadual José Mota, lembra:

No início era muito sofrimento. Tínhamos um bom grupo de professores e pais que ajudavam em tudo, desde os ensaios até a confecção das fantasias. Fizemos rifas de frango assado, cestas básicas, chegamos até a vender peixe na escola só para garantir que nossos alunos pudessem entrar nos tablados (TELES, 2019).

O crescimento das cirandas e a grandiosidade do Festival possibilitaram o investimento na mão-de-obra local. À medida que as apresentações ganhavam mais destaque, o número de brincantes aumentava, a necessidade de investimento surgia como uma alternativa de renda para os moradores locais. O historiador e cirandista da Ciranda Tradicional, Antônio Amorim, em entrevista realizada em 02 de maio de 2021, confirma:

As três cirandas impulsionaram a economia da cidade. No início as fantasias eram confeccionadas pelos próprios brincantes, aí passaram a ser de responsabilidade das cirandas, que contratavam

as costureiras de nosso município. A mesma coisa ocorreu com as alegorias, que eram construídas nos galpões por artistas locais. (AMORIM, maio de 2021).

Conforme o Festival foi crescendo, o clima de competição incentivou novas formas de investimentos, as cirandas objetivavam a melhora nas apresentações, e aquisição de torcedores. Antônio Amorim também destaca:

A busca pela vitória fez com que os responsáveis pelas cirandas passassem a contratar profissionais de fora do município. A fantasia agora vem de fora, e os artistas que criam as alegorias também. Até alguns ensaios passaram a ser fechados, para tentar manter o segredo, o efeito surpresa no dia da apresentação. (AMORIM, maio de 2021).

O segredo assume um papel importante na profissionalização das cirandas. Ele é responsável pela busca de profissionais mais qualificados, preparados para um sistema de competição que envolve as apresentações. As fantasias, as alegorias, as coreografias, as canções e os ensaios com as torcidas entram nesse ritmo. Muito parecido com outra festa Amazônica, o Boi-bumbá de Parintins, destacado nas pesquisas de Wilson Nogueira (2013, p. 162):

O segredo constitui item da estratégia competitiva, porque sua administração ou manipulação pode resultar em êxito ou fracasso da agremiação. Segredo, nesses termos, não conota falta de transparência ou ato de má-fé, principalmente porque sua existência só tem função e sentido até o momento da sua revelação. Logo, o ardil e o blefe também são elementos presentes na competição dos bois-bumbás parintinenses.

Assim como no boi-bumbá de Parintins, podemos compreender que as mudanças ocorridas em uma das cirandas exercem influência na tendência de mudança das outras, desde que forneça resultados positivos. O formato competitivo do festival exerceu influência nos investimentos das cirandas. Esse fato é comum nas festas onde existem agremiações em competição, como no boi de Parintins ou no Sairé, para ficar na calha do Baixo Amazonas. Wilson Nogueira e Sergio Gil Braga, em seus estudos sobre as festas populares na Amazônia, destacam esse aspecto do segredo e dos movimentos para a ocultação das novidades em cada barracão dos concorrentes.

Como exemplo, temos as fantasias, que no início, quando as cirandas ainda eram pertencentes às escolas fundadoras, eram confeccionadas pelos próprios

brincantes. Com a profissionalização as fantasias passaram a ser de responsabilidade das cirandas. O cirandista Gaspar Fernandes exalta a importância das fantasias serem confeccionadas por profissionais de Manacapuru:

Como cirandistas, temos que pensar na relação entre as fantasias e o restante das apresentações. Ao mesmo tempo, é importante manter o segredo, não podemos deixar escapar nada para as cirandas rivais. Ainda assim, é importante manter essa mão-de-obra em nosso município. Toda a confecção das fantasias da Ciranda Flor Matizada é de responsabilidade de artistas e costureiras locais. (FERNANDES NETO, maio de 2021).

Situação parecida foi descrita pelo cirandista Antônio Ailson Cavalcante de Amorim, da Ciranda Tradicional. A utilização de materiais da região, e reciclagem de fantasias, é relatada como uma das principais preocupações dos organizadores das cirandas:

As fantasias dos anos anteriores são recolhidas e armazenadas no galpão, para que grande parte do material seja reciclado e transformado em novas fantasias. Utilizamos costureiras locais, que já estão acostumadas em a ideia desenhada em fantasias lindas e funcionais que despertem o interesse dos espectadores. (AMORIM, maio de 2021).

A integração social representa uma forma de criar oportunidades e direitos iguais para todos os elementos de uma sociedade. Ao longo da existência do Festival, as cirandas vêm fornecendo sua contribuição à sociedade.

Apesar de as cirandas haverem mudado parcialmente a estrutura do município, é válido afirmar que a integração social não está apenas relacionada com questões econômicas, mas também sociais, culturais e políticas, uma vez que as sociedades estão em constante mutação, e esse processo é contínuo e permanente devido os problemas que acontecem ao longo de nossas vidas.

O que existe em comum nas três cirandas é o vínculo com as escolas fundadoras. Os representantes afirmam que as cirandas fornecem a estrutura física dos galpões para as atividades escolares, além de receberem projetos advindos das escolas. Antônio Bruno Gomes de Lima, afirma:

A Ciranda Tradicional recebe no galpão todas as atividades da escola estadual José Seffair. Entendemos que precisamos dar o retorno, pois ela é a escola fundadora, sem ela nossa ciranda nunca teria nascido. Hoje temos projetos esportivos voltados para o futsal e voleibol, que atende crianças e adolescentes em idade escolar, como meio de tirar os meninos da ociosidade. (DE LIMA, julho de 2020).

Solidariedade social também pode ser observada através de movimento social centrado na defesa de interesses de pessoas em situação de risco, como foi enfatizado pelo cirandista Thyago Cavalcante:

A Ciranda Guerreiros Mura disponibiliza seu espaço físico para sociedade em geral, e diversos eventos são realizados. Eventos escolares, ensaios de diversas danças da comunidade em geral. Nossas principais ações são coletas de alimentos para os desabrigados das enchentes que frequentemente ocorrem em nosso município. (CAVALCANTE, 2019).

Mesmo que não seja de forma sistêmica, as cirandas exercem um papel importante no município. Apresentam esforço solidário que tem como objetivo melhorar um ou mais aspectos de uma sociedade. Estas iniciativas potencializam a cidadania e consciência social dos indivíduos, envolvendo-os na construção de um futuro melhor. Nesse sentido, o conceito de dádiva do sociólogo e antropólogo francês Marcel Mauss pode nos ajudar a compreender a relação das cirandas com a sociedade. Podemos entender as cirandas como instituições, onde não basta apenas fornecer um produto, mas exercer uma relação social, no intuito de retribuir à sociedade como responsabilidade social. Mauss afirma:

Se as coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem respeitos mútuos, podemos dizer igualmente, cortesias. Mas é também porque as pessoas se dão ao dar, e , se as pessoas se dão, é porque se devem, elas e seus bens, aos outros (MAUSS, 1974, p. 263).

Se Mauss interpreta a dádiva como um intercâmbio arcaico, não é no sentido utilitarista, onde o doador deveria recuperar seu bem, mas porque o donatário quer resguardar seu prestígio, quer dizer o seu nome, sua integridade espiritual. Porque a circulação de bens, materiais e simbólicos, é o que cimenta a organização social e as relações de solidariedade entre os indivíduos.

3. Capítulo 3: O Festival de Cirandas de Manacapuru e a educação escolar

Como foi observado nos capítulos anteriores, desde o início tínhamos em mente que além das questões políticas, econômicas e sociais, o Festival havia mudado consideravelmente a forma de como as cirandas eram vistas no âmbito escolar, com a existência de uma relação direta entre os dois segmentos.

Ao longo da pesquisa percebemos que a ligação entre a escola e as cirandas se dá muito mais por estas fornecerem seus galpões para as escolas efetuarem algumas atividades esportivas ou bailes de formatura, do que pelo incentivo ao estudo do material produzido pelas cirandas, ou seja, mitos e histórias sobre os povos amazônicos e até mesmo a estética das cirandas. A presença das cirandas nas escolas depende principalmente da vontade particular de alguns professores, que sem nenhuma obrigação curricular, desenvolvem atividades educativas e lúdicas, sobre os temas e sobre as danças desenvolvidas no ano de apresentação.

Partindo do entendimento de que a escola é um espaço educativo que difunde e gera conhecimentos, além de absorver as influências da vida cotidiana, é imprescindível que a realidade social seja um campo para a reflexão educativa. Para isso, requer preparar os cidadãos com posicionamentos e alternativas para encarar os desafios atuais da sociedade por meio de projetos e ações que contemplem as necessidades existentes e futuras do município.

As sociedades atuais têm necessidade de um currículo escolar próprio, que seja capaz de produzir mudanças e transformação social para os grupos, pois é ele que articula os saberes produzidos na escola e as questões práticas do cotidiano de seus sujeitos, sustentando as relações sociais existentes dentro e fora do âmbito escolar. O currículo é fruto de múltiplas diferenças, de intenções diversas, de variadas representações. É representação simbólica, espaço de escolhas, lugar de inclusões ou exclusões. Situando-o em um contexto social e político, o currículo é antes de tudo um campo em que as diferenças produzem resultados, tratamentos, significados. Essa concepção dinâmica do currículo só pode ser construída numa relação entre currículo e sociedade.

A respeito da relação existente entre as cirandas e as escolas fundadoras, ouvimos através de entrevistas, o entendimento dos dois lados: as escolas representadas pelos gestores e as cirandas representada pelos cirandistas, que são profissionais responsáveis pela criação do enredo das cirandas, pois os mesmos

precisam de formação acadêmica para ocupar a função.

As entrevistas foram divididas em quatro blocos: os três cirandistas foram entrevistados no dia 2 de maio de 2021, já os professores da escola estadual José Seffair foram entrevistados no dia 10 de maio; os da escola estadual José Mota, entrevistados no dia 25 de maio; e os professores da escola estadual Nossa Senhora de Nazaré, no dia 17 de junho de 2021.

O cirandista Antônio Ailson Cavalcante de Amorim, um dos fundadores da Ciranda Tradicional, historiador formado na Universidade do Estado do Amazonas, em Manacapuru, e autor do livro *Terra preta*, trata das relações entre ciranda e escola e ressalta a importância do material criado pelos cirandistas:

Atualmente, podemos afirmar que o único vínculo está relacionado em fornecer os galpões para a escola fundadora José Seffair realizar algumas atividades, como feiras científicas, competições esportivas e bailes de formatura. Eu, como cirandista, gostaria que essa relação fosse muito mais que apenas isso, que pudéssemos contribuir de alguma forma com as disciplinas escolares, principalmente pelo rico material histórico que produzimos todos os anos. (AMORIM, maio de 2021)

A mesma situação foi descrita pelo cirandista e historiador Gaspar Fernandes Neto, representante da Ciranda Flor Matizada, que é formado em Ciências Contábeis e Direito. Gaspar Neto disse que em sua juventude estudou em algumas escolas de Manacapuru e, como cirandista, sente a necessidade de transmitir os conteúdos desenvolvidos pelas cirandas aos alunos da escola Nossa Senhora de Nazaré. Também afirma:

Infelizmente, não existe uma relação direta entre a ciranda Flor Matizada e a escola fundadora Nossa Senhora de Nazaré. O que ocorre são apenas algumas apresentações quando a escola desenvolve seus festivais, mas é muito raro. Fornecemos nosso galpão para a escola desenvolver suas atividades, porém, sentimos a necessidade de contribuirmos de uma forma mais produtiva. (FERNANDES NETO, maio de 2021)

Sabemos que a educação deve ser pautada não só em conteúdos e programas que auxiliem na construção do conhecimento, mas também na realidade do aluno. É através da articulação e integração entre esses saberes que o educando tem garantida uma aprendizagem satisfatória. A falta de conexão entre ciranda e escola, referente à produção cultural que é criada nas cirandas, também é evidenciada pelo cirandista Thyago Cavalcante, que representa a Ciranda

Guerreiros Mura. Thyago é graduado em História pela Universidade do Estado do Amazonas, em Manacapuru, e concorda com os demais cirandistas:

A Ciranda Guerreiros Mura disponibiliza seu espaço físico para a escola José Mota realizar seus eventos e atividades. Sabemos da importância da escola fundadora para a nossa ciranda, e sentimos a necessidade de uma relação educativa. É só pensarmos na riqueza cultural existente nas apresentações, e quantas horas de pesquisa e trabalho foram necessárias para se produzir uma única apresentação. (CAVALCANTE, maio de 2021).

Com isso, podemos observar que as cirandas passam a ter importante contribuição para a comunidade, disponibilizando seus galpões para eventos e atividades sociais, mantendo-se conectadas com a sociedade.

Realidade parecida foi observada nas escolas fundadoras. Os gestores das escolas destacaram que, ao longo dos anos, o Festival de Cirandas de Manacapuru passou a representar a identidade do município, fazendo parte do cotidiano de seus moradores, porém, as escolas não incorporaram essa evolução como conteúdo didático. Os gestores relatam que as cirandas não fazem parte dos conteúdos permanentes nas escolas, os temas e cantos que criam não são desenvolvidos como temas transversais. O gestor da escola estadual José Seffair, Adriano Pereira Batista, afirma que atualmente a escola não desenvolve nenhuma relação educacional com a Ciranda Tradicional, e esclarece:

A escola José Seffair não possui em seu cronograma educacional nenhuma atividade obrigatória que envolva o tema **cirandas**. Posso afirmar que dificilmente o tema é abordado, mas os professores estão livres para desenvolver a temática em suas aulas. Até onde eu sei, alguns trabalhos já foram desenvolvidos na escola, porém, fica dependendo do interesse de cada professor. (BATISTA, maio de 2021).

Adriano Pereira Batista possui graduação em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas, sempre estudou em escolas públicas de Manacapuru, e entende que há a necessidade de inclusão das cirandas como conteúdo escolar. A mesma visão é descrita pelo gestor da escola estadual Nossa Senhora de Nazaré, Salomão Sousa Alencar. O gestor possui graduação em Geografia pela Universidade Federal do Pará, com especialização em Gestão Pública na Universidade Federal do Amazonas:

Apesar de não termos o conteúdo fornecido pelas cirandas desenvolvido em nossa escola, estamos com as portas abertas. Apesar de ter assumido a gestão da escola recentemente, sei da importância de se trabalhar esse material na escola, porém, entendo que precisamos de um projeto ou de pelo menos discutirmos a inclusão das cirandas como temas transversais. (ALENCAR, maio de 2021).

O professor Alex Campelo do Nascimento, responsável pela escola José Mota, com graduação em Biologia pela Universidade Federal do Amazonas, também lamenta a perda de possibilidades de atividades que poderiam ser desenvolvidas na escola:

Atualmente as temáticas envolvendo as cirandas não são desenvolvidas com rotina na escola José Mota. Ao longo dos anos poucas foram às vezes em que os professores incluíram as cirandas como conteúdo. Apesar de termos ciência de que é um tema rico, que abrange diversas possibilidades em todas as disciplinas escolares, sentimos a falta da inclusão das cirandas no campo educacional. (NASCIMENTO, maio de 2021)

Com esses relatos, podemos perceber que apesar das três cirandas que se apresentam no Festival terem nascido nas escolas, o material criado por elas não é desenvolvido como conteúdo nas escolas fundadoras. É fundamental que a escola ao elaborar o seu currículo leve em consideração todos os aspectos que envolvem a formação humana e que as disciplinas sejam pensadas de acordo com as necessidades e diversidades da comunidade.

Essas necessidades serão abordadas a seguir, através das perspectivas de seus principais atores, com a análise de três abordagens, que são as atividades que ao longo dos anos foram, ou poderiam ser, aplicadas pelos professores, descritas respectivamente pelos seguintes tópicos: Escola como espaço de aprendizagem cultural; Cirandada: reforçando conteúdos por meio do brincar; Educação e cultura no contexto do imaginário das cirandas.

3.1. Escola como espaço de aprendizagem cultural

Mesmo não apresentando uma relação direta com as escolas fundadoras, ao longo dos anos as cirandas foram tendo presença em algumas disciplinas escolares, fruto da iniciativa dos educadores. Eram desenvolvidas atividades de forma esporádica, sem nenhum compromisso com o conteúdo disciplinar permanente, partindo do interesse particular de alguns professores em divulgar a manifestação cultural do município.

Dentre as atividades que foram desenvolvidas nas escolas fundadoras, podemos destacar as executadas pela professora Iona Pereira Batista, que ministra aulas de Educação Física na escola José Mota há 12 anos. Formada pela Universidade Federal do Amazonas, afirma que os alunos aprendem brincando. O fato de colocarem em prática os conhecimentos teóricos através de jogos, de brincadeiras ou danças, faz com que esse conhecimento tenha um melhor aproveitamento do conteúdo. Assim:

Nesse ano de 2021, devido à pandemia, as aulas iniciaram de forma remota. A SEDUC forneceu uma proposta pedagógica envolvendo o tema danças regionais e folclore, que aproveitei para solicitar um trabalho escolar onde os alunos deveriam montar vídeos referentes a coreografias baseadas nas cirandas de Manacapuru. Como resultado, observei que quando trazemos os temas propostos pela secretaria de educação para nossa realidade, podemos perceber um maior interesse dos alunos. (BATISTA, maio de 2021).

De acordo com a professora Iona, a maioria dos alunos não tem conhecimento de que a escola José Mota foi o berço da Ciranda Guerreiros Mura, e afirma que as atividades desenvolvidas nas escolas podem fazer com que os alunos possam conhecer sua própria história.

A Escola Estadual José Mota (Figura 5) localizada à Rua João de Deus, no bairro da Liberdade, foi o berço da Ciranda Guerreiros Mura. Atualmente é composta por turmas do ensino fundamental e ensino médio. Na imagem, referente ao ano de 2019, podemos identificar uma das ações feitas pelos professores, que enfeitaram os muros com bandeiras referentes às cores da ciranda Guerreiros Mura.



Figura 5: Escola Estadual José Mota – 2019, com bandeiras das cores da Ciranda Guerreiros Mura
Fonte: SEDUC

Alex Campelo Nascimento, professor de Biologia na escola José Mota, que por mais de 20 anos trabalhou em escolas de Manacapuru ministrando a disciplina Matemática e Biologia, esclarece que algumas atividades envolvendo o tema cirandas já foram desenvolvidas por ele, dentre elas destacou a Feira Interdisciplinar realizada na Escola Estadual Agra Reis:

Realizamos uma feira interdisciplinar onde o tema foi cirandas. A partir dos Festivais que já haviam ocorrido nos anos anteriores, as turmas apresentaram exposições sobre essas apresentações, destacando características específicas de cada disciplina. Por fim a escola montou uma apresentação de ciranda apenas com os alunos da escola. (NASCIMENTO, maio de 2021).

O professor exalta a importância que as cirandas tiveram como característica interdisciplinar, pois a partir de um único tema houve o desenvolvimento de atividades envolvendo todas as disciplinas escolares:

Assim, se a turma escolhesse, por exemplo, a apresentação da Ciranda Guerreiros Mura realizada em 2000, onde o tema foi Raízes de um povo milenar, o professor de artes poderia solicitar a pesquisa sobre as canções, o professor de história poderia solicitar pesquisas sobre os povos da região, o professor de ciências ou biologia poderia solicitar pesquisas sobre a poluição provocada pelos visitantes, o professor de matemática poderia solicitar pesquisas sobre a quantidade de brincantes, visitantes ou até mesmo sobre as figuras geométricas apresentadas nas formações coreográficas, o professor de geografia poderia solicitar pesquisas sobre a relação dos bairros com as cirandas, o professor de educação física poderia solicitar pesquisas sobre coreografias e danças e assim ocorreu com todas as disciplinas escolares. (NASCIMENTO, maio de 2021)

A interdisciplinaridade na escola através do rico referencial que as cirandas oferecem poderia ser um exemplo das possibilidades de criação dos temas transversais.

O professor Fredson José Moura Barroso, que ministra a disciplina Artes na Escola Estadual Nossa Senhora de Nazaré, afirma que efetuou um seminário escolar no ano de 2017 onde o tema foi o festival de cirandas:

Apliquei a atividade para alunos do primeiro ano do ensino médio. O objetivo era associar as cirandas com a história de Manacapuru. As equipes tinham quatro temáticas a serem escolhidas, que eram a pintura, a dança, a música e a poesia. Apesar das apresentações ficarem restritas apenas para os alunos das turmas, ficou evidente que as cirandas contribuíram de forma positiva para a formação educacional dos alunos. (BARROSO, junho de 2021).

O educador, graduado pela Universidade Federal do Amazonas, e que ministra aulas de Artes na escola há cinco anos, enfatizou que o ideal seria que o cotidiano da comunidade fosse trazido para dentro da escola via currículo, assim esses saberes refletidos e ressignificados no espaço escolar poderiam possibilitar aos alunos uma nova forma de entenderem a educação. Outra atividade desenvolvida por ele:

Uma das atividades envolvendo cirandas que considerei produtiva, voltada para a história da arte, foi a aplicação [sic] de um seminário envolvendo o tema da ciranda tradicional do ano de 2015, Mitologia Grega, deuses e a criação do mundo. Aquela apresentação relacionava os mitos e lendas da Grécia antiga com os mitos e lendas dos povos amazônicos. Aplicamos o seminário para alunos do terceiro anos do ensino médio, e tivemos ótimos resultados, pois ficou evidente a importância do desenvolvimento de atividades que despertam o imaginário dos povos amazônicos. (BARROSO, junho de 2021).

A Escola Estadual Nossa Senhora de Nazaré (Figura 6) está localizada na Praça da Bandeira, no centro de Manacapuru e foi o berço da Ciranda Flor Matizada. Atualmente é composta apenas por turmas do ensino médio. Na figura, assim como na escola José Mota, podemos observar os enfeites feitos pelos professores para simbolizar as cores da ciranda Flor Matizada.



Figura 6: Escola Estadual Nossa Senhora de Nazaré, berço da Ciranda Flor Matizada– 2019.
Fonte: SEDUC

O professor Timoteo Lima da Silva, docente na Escola estadual Nossa Senhora de Nazaré, é responsável pela disciplina Biologia desde o ano de 2016. Afirma que durante os anos que ministrou aulas na escola, desenvolveu apenas uma

atividade com a temática das cirandas:

Durante a Feira Científica realizada na escola no ano de 2018, fiquei responsável pela turma que escolheu como tema o Festival de Cirandas. Minha proposta foi desenvolvermos formas de reutilização dos materiais plásticos descartados pelos espectadores durante as apresentações. Como resultado, tivemos a oportunidade de fazer com que os alunos olhassem o Festival não apenas como torcedores, mais também como pesquisadores. (SILVA, junho de 2021).

Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Amazonas, Timoteo Lima da Silva destaca que a execução da atividade fazia parte da educação contextualizada. A educação depende da capacidade de integração das pessoas com as novas formas de aprender e os novos modos de construção do conhecimento, o ideal seria que ultrapassasse a esfera das áreas convencionais.

O professor Anselmo Victor de Souza, que ministrou aulas de História na escola José Seffair, relata a necessidade de criar novas formas de integrar o conteúdo didático com a realidade dos alunos. Enfatiza que essa seria uma possibilidade de aquisição de conhecimento teórico associado com a vivência de cada um:

Em 2017, quando eu ministrava aulas na escola José Seffair tive a oportunidade de aplicar seminários onde os alunos apresentaram trabalhos relacionando a história das cirandas e a história de Manacapuru. Dalí surgiram várias pesquisas, sendo que as principais eram a relação existente entre Manacapuru e as várias tribos indígenas. Os mitos, lendas e costumes que eram desenvolvidos nas apresentações das cirandas contavam a história da origem do município. (SOUZA, junho de 2021).

As atividades pedagógicas inspiradas na cultura popular oferecem a oportunidade da vivência criativa, onde os embasamentos teóricos se entrelaçam com a realidade vivida pelos alunos. Ou seja, por meio das apresentações do Festival de Cirandas de Manacapuru os alunos podem ter uma aprendizagem significativa em relação à formação e ocupação da região amazônica.

A Escola Estadual José Seffair (Figura 7) está localizada na Rua Carolina Fernandes no Bairro Terra Preta, sendo o berço da Ciranda Tradicional. Atualmente é composta por turmas do ensino fundamental e ensino médio.



Figura 7: Escola Estadual José Seffair, onde nasceu a Ciranda Tradicional – 2019.
Fonte: SEDUC

A professora Ana Andréa Ramos, docente na escola José Seffair, na disciplina Língua Portuguesa, afirma que são poucas as oportunidades de se desenvolver as temáticas abordadas no Festival de Cirandas, devido os conteúdos obrigatórios da disciplina terem prazos para aplicação em sala de aula. Mesmo com esse obstáculo, ela destaca o desenvolvimento de um trabalho proposto no ano de 2016, para alunos do segundo ano do ensino médio:

A atividade em equipe consistia na análise das canções da ciranda Flor Matizada apresentadas no ano de 2016, onde os alunos teriam que efetuar uma abordagem poética. Tinha que transformar as canções em poesia e recitá-las em sala de aula. (RAMOS, junho de 2021).

Formada em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas, a professora afirmou que a maioria dos alunos era favorável ao uso de canções das cirandas como instrumento pedagógico e confirma que alguns professores utilizam tal instrumento como forma de construção do conhecimento.

Atualmente as escolas possuem autonomia para debater o currículo escolar com os professores e a comunidade. Quando se fala em currículo escolar, não quer dizer que este esteja relacionado somente aos conteúdos, aos métodos e práticas pedagógicas, mas também à história do sujeito, ao cotidiano da comunidade e à sua

relação com a escola.

Como espaço democrático de diversidade e pluralidade, a escola deve atentar para o diálogo entre as diferentes formas de produção coletiva, respeitando a singularidade de cada um, assim como o desenvolvimento da sua autonomia. Ainda conforme Sacristán (2002, p. 158): “[...] uma função essencial do currículo é oferecer uma construção simbólica acerca do que somos como grupo”. Dessa maneira, além de considerar a experiência dos alunos, o currículo escolar deve ser um campo de significação capaz de promover a interlocução entre a escola e o que acontece além dos seus muros.

3.2. Cirandada: reforçando conteúdos escolares por meio do brincar

O currículo é um instrumento mediador entre a escola e a comunidade, possibilitando a construção das ações pedagógicas e dos conhecimentos por meio da prática social e escolar. Desse modo, o currículo visto como um instrumento norteador de práticas escolares, conteúdos programáticos e estratégias metodológicas indicam e contribuem na formação de uma cultura local que reflita as necessidades da comunidade e da escola.

Não pretendemos discutir o currículo escolar, mas sim apresentar propostas relatadas pelos professores das escolas que foram berço das cirandas de Manacapuru, para que a inclusão dos conteúdos produzidos pelas cirandas possa contribuir com o processo ensino-aprendizagem.

O professor João Paulo Silva Martins, formado em Filosofia na Universidade Católica de Rondônia e mestre pela Universidade Federal de Mato Grosso, leciona a disciplina Artes na escola estadual José Seffair:

Estou aqui em Manacapuru há pouco mais de dois anos, e esse é o primeiro ano que leciono aqui na escola José Seffair. Tive a oportunidade de assistir algumas apresentações pela televisão, e tenho certeza que os tópicos das cirandas como a dança, a música, a arte plástica e a arte teatral desenvolvidas nas apresentações poderiam ser encaixados no currículo dos alunos através de projetos ou até mesmo na inclusão como temas transversais. (MARTINS, junho de 2021).

O professor afirma também que ensina aos alunos que os elementos de sua própria cultura são parte do folclore brasileiro. Esclarece que:

Seriam infinitas as possibilidades de se desenvolver atividades a partir de uma única apresentação da Ciranda Flor Matizadas na disciplina Artes. Além do desenvolvimento de coreografias, o uso das canções, acharia interessante desenvolver trabalhos em equipe com peças teatrais e trabalhos individuais envolvendo artes plásticas, pois as alegorias, as fantasias e a própria torcida chamam a atenção de todos no Cirandódromo. (MARTINS, junho de 2021).

Um dos problemas citados por alguns professores, além do pouco tempo proposto para a aplicação dos conteúdos obrigatórios nas disciplinas, seria a própria proposta de conteúdos. O professor Dimas Simas Lima, da escola José Mota, esclarece:

Na escola José Mota, percebemos que o livro didática na disciplina língua inglesa é muito direto, é muito técnico, não permite a contextualização da disciplina com a realidade dos alunos. Penso que teríamos um melhor aproveitamento se tivéssemos essa contextualização, como, por exemplo, as canções, que apresentam um rico material regional. (LIMA, maio de 2021).

O professor Dimas é formado pela Universidade Federal do Amazonas, e é docente na escola José Mota desde o ano de 2018. Enfatiza também que o fato de Manacapuru receber turistas de outros países durante a apresentação do festival poderia servir como motivação para que o tema fosse tratado na escola:

Como seria interessante se tivéssemos jogos, brincadeiras, festivais ou gincanas envolvendo toda a escola, envolvendo todas as disciplinas escolares onde o tema central fosse as cirandas. Penso que teríamos um resultado positivo, onde os alunos aprenderiam um pouco mais sobre a história do município, passando a gostar mais das disciplinas. (LIMA, maio de 2021).

Como podemos perceber, há certa convergência dos entrevistados em perceber que por intermédio da brincadeira, do dançar ciranda, é possível representar a cultura do povo de Manacapuru, pois é uma festa que adquiriu contornos bem definidos, incorporando mitos e lendas. Desse modo, o Festival traduz sua manifestação cultural como veículo de informação e brincadeira, em que as pessoas vão compreendendo melhor o processo histórico da região amazônica, formação, costumes e crenças do seu povo.

O gestor da escola Nossa Senhora de Nazaré, Salomão Sousa Alencar, destaca que a escola é um campo aberto a muitas possibilidades, e que várias atividades podem ser desenvolvidas. Afirma:

Minha formação é na disciplina geografia. Entendo que aprender por meio da contextualização com a realidade é o futuro da educação, e isso poderia ser aproveitado aqui em nosso município. O Festival de Cirandas mudou a estrutura da cidade. Existe uma relação entre o festival e os bairros, os comércios, a melhoria das vias de trânsito e os espaços urbanos em geral. Levar essa relação para a disciplina geografia através de atividades escolares poderia despertar o interesse dos alunos tanto pelas cirandas quanto pela própria disciplina geografia. (ALENCAR, junho de 2021).

A professora Iona Pereira Batista também destaca a importância de propor novas atividades aos alunos, diferente das que eles já estão acostumado, pois é uma ótima forma de motivar os alunos e ampliar a participação da turma nas aulas de Educação Física:

Propor atividades envolvendo os conteúdos abordados pela ciranda Guerreiros Mura representaria uma forma de fazer com que os alunos aprendam sua própria história por meio das aulas de Educação Física na escola José Mota. Jogos e brincadeiras envolvendo conteúdos relacionados aos povos da região ou mesmo a preservação da natureza seria uma maneira de fugir dos esportes mais tradicionais, ampliando a participação da turma nas aulas de Educação Física. (BATISTA, maio de 2021).

O gestor Adriano Pereira Batista, que está há pouco mais de um ano na direção da escola José Seffair, apresenta três pontos que deveriam ser tratados, que são a relação ciranda/escola, a relação escola/ciranda e por fim a relação escola/conteúdos. Explica:

A relação ciranda/escola poderia acontecer primeiramente por meio físico, no sentido de atividades como apresentações das cirandas nas escolas, palestras, eventos que partissem das próprias cirandas, com o intuito de mostrar à comunidade escolar a importância do Festival no contexto histórico de Manacapuru. (BATISTA, maio de 2021).

Entende-se, então, a importância de a comunidade escolar compreender e resgatar essa relação aos poucos, pois de acordo com o gestor alguns professores já haviam relatado que parte dos alunos não estava ciente que a escola José Seffair foi o berço da Ciranda Flor Matizada. E continua sua análise:

A relação escola/ciranda representaria muito mais que o simples fornecimento de alunos para as apresentações. Didaticamente, contribuiríamos ajudando na construção das apresentações, onde as ideias de temas, canções, fantasias, coreografias e enredo pudessem ser criados aqui na escola José Seffair, por meio de

atividades e concursos que envolveriam alunos e professores (BATISTA, maio de 2021).

A influência direta das cirandas de Manacapuru no espaço escolar poderia contribuir e modificar a vida e o modo de pensar da comunidade escolar, proporcionando mudanças. O gestor apresenta o terceiro ponto:

Apenas quando as duas primeiras relações estiverem consolidadas que poderíamos ter um melhor aproveitamento na terceira. A relação escola/conteúdos estaria baseada nos conteúdos apresentados pelas cirandas no Festival. Esses conteúdos são muito ricos, e no âmbito escolar poderiam ser desenvolvidos em todas as disciplinas. (BATISTA, maio de 2021).

As escolas estaduais possuem autonomia, e através do consenso entre os educandos e a comunidade há a possibilidade de criação de um próprio projeto pedagógico, flexibilizando conteúdos e abordagens de acordo com a realidade daquela unidade. Portanto, cabe à escola e à comunidade utilizar artifícios e ferramentas como os conteúdos criados pelas cirandas para promoverem um processo ensino-aprendizagem significativo e coerente com sua realidade local e, sobretudo, que desperte a sociedade para um novo modo de pensar a educação em Manacapuru. Assim, juntos, escola e comunidade, podem traçar objetivos para aproveitar ao máximo tudo que permeia o Festival em prol de melhorias para a educação do município.

3.3. Educação e cultura no contexto escolar

Os conteúdos desenvolvidos pelas apresentações das cirandas são uma importante representação da cultura amazônica que deveriam ser explorados no contexto escolar. Essas apresentações abordam o imaginário amazônico através das danças, canções, fantasias, alegorias que enaltecem uma história que é contada aos espectadores do Cirandódromo durante as apresentações.

A cultura amazônica é projetada através dos temas desenvolvidos pelas cirandas, que abordam as categorias natureza e povos da Amazônia. Ao longo dos anos, ocorreu uma aproximação de Manacapuru com a cidade de Manaus, fazendo com que o município se desenvolvesse muito rapidamente, influenciando na forma de como a cultura é apresentada, entrelaçando o contexto rural ou ribeirinho com o contexto urbano.

Nesse sentido, a cultura ganha traços peculiares com características próprias,

mas que mantém uma relação de troca entre elementos de ambas as culturas. Nas grandes, médias ou pequenas cidades, que compõem o espaço urbano, as trocas simbólicas entre culturas diferentes são extremamente intensas devido aos sistemas de ensino e de comunicação serem mais estruturados, assim esses elementos culturais apresentam-se em maior número e intensidade. Porém, no espaço ribeirinho, a cultura tem características tradicionais, baseada na preservação dos valores e costumes inerentes ao desenvolvimento histórico, onde o imaginário se destaca decorrente da relação que o homem mantém com a natureza. De acordo com o sociólogo e poeta Paes Loureiro (1995, p. 55):

A cultura de predominância ribeirinha constitui-se na expressão aceita como a mais representativa da cultura amazônica, seja quanto aos seus traços de originalidade, seja como produto da acumulação de experiências sociais e da criatividade dos seus habitantes. Aquela onde podem ser percebidas, mais fortemente, as raízes indígenas e caboclas tipificadoras de sua originalidade, florescentes ainda em nossos dias. Contudo, é preciso entender que a cultura do mundo ribeirinho se espalha pelo mundo urbano, assim como aquela é receptora das contribuições da cultura urbana. Interpenetram-se mutuamente, embora as motivações criadoras de cada qual sejam relativamente distintas.

Os saberes, os valores, as crenças e os modos de vida organizaram e ainda continuam organizando o espaço social. Homens e sociedade se desenvolveram juntos, ao longo da história. Tradicionalmente, o saber, o viver e o fazer na Amazônia têm traços e características indígenas. A esse conjunto de conhecimentos indígenas foram incorporados por meio da colonização, especialmente a europeia, e das culturas negras, novos elementos culturais, técnicas, expressões religiosas e modos de vida diferentes da do indígena. “Houve, assim, encontro não apenas de valores como de culturas. Tanto a erudita, clássica e elitista exógena, como a cultura de massa primitiva, popular e nativa” (BENCHIMOL, 2009, p.17).

Um dos processos mais importantes que acontece com a evolução humana é a permanente aquisição de novas formas de agir, pensar, se comportar, que ao longo do tempo vão se consolidando a ponto de os indivíduos considerarem tais comportamentos como naturais, quando na verdade foram adquiridos no processo educacional e cultural.

Devemos considerar que a cultura pode ser definida de diferentes maneiras. O antropólogo brasileiro Roberto DaMatta (1986), esclarece que cultura não é simplesmente um referencial que marca uma hierarquia de “civilização”, mas a

maneira de viver de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Assim, ao mesmo tempo em que cria, o homem pode estudar a cultura. Conforme o autor:

Cultura não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de civilização, mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Cultura é, em Antropologia Social e Sociologia, um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas. É justamente porque compartilham de parcelas importantes deste código, a cultura, que um conjunto de indivíduos com interesses e capacidades distintas e até mesmo opostas transforma-se num grupo e podem viver juntos sentindo-se parte de uma mesma totalidade (DA MATTA, 1986, p.123).

Temos as cirandas como um exemplo desse conceito de cultura, traduzindo-se por ter um bailado próprio, uma linha metódica bastante original, diferenciando-se das demais cirandas do Estado e do Brasil. Isso porque durante suas apresentações, além das diferentes coreografias apresentadas pelos cordões de cirandeiros, que são os atores principais da transformação deste processo cultural no município, as cirandas de Manacapuru exploram uma temática específica relacionada com a história cultural da região Amazônica.

Tendo o Festival de Cirandas de Manacapuru como veículo de informação, as pessoas compreendem melhor o processo histórico da região amazônica, formação, costumes e crenças do seu povo. Assim, por intermédio das cirandas que se apresentam no festival, a cultura dos moradores de Manacapuru é representada.

Cultura e educação, dois termos que parecem sinônimos, mas, na verdade, são diferentes e difíceis de serem conceituados, devido às mudanças conceituais ocorridas ao longo dos últimos anos. Através da educação, os indivíduos são inseridos na cultura e na sociedade de tal forma que conseguem, a partir dessa inserção, se apropriar dos valores, das crenças e modos de pensar do grupo a que pertencem e com eles interagir e criar seu próprio conceito de vida. Não é uma concepção passiva, mas fundamentalmente construtiva, podendo favorecer as próprias mudanças nas representações sociais dos sujeitos. Assim, percebemos que não existe um modelo único de educação e a escola não é o único lugar onde ela acontece.

Um dos estudiosos que descreve a relação entre educação e cultura é o antropólogo brasileiro Carlos Rodrigues Brandão. Em sua obra “O que é educação” (1993) retrata a importância desta relação, evidenciando que a educação ultrapassa

os muros da formalidade e do conhecimento sistematizado oferecido pela instituição escola, e que os processos educativos emergem das relações sociais entre os indivíduos inerentes às suas práticas diárias.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (BRANDÃO, 1993, p. 10).

Com isso, o conceito de educação apresenta na sua origem um grau de complexidade muito grande, expressando concepções de educação diferenciadas. Entendida como um processo exterior ao indivíduo, dando-se a transmissão do conhecimento e dos valores socioculturais aos mais novos pelos mais velhos, ela está relacionada ao desenvolvimento das potencialidades e capacidades dos indivíduos onde o processo formativo relaciona-se com as características interiores de cada sujeito.

A educação ajuda a pensar tipos de homens, mais do que isso, ela ajuda a criá-los, através de passar uns para os outros o saber que o constitui e legitima. Produz o conjunto de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto constroem tipos de sociedades (BRANDÃO, 1993, p. 11).

Quando relacionamos esse entendimento de educação e cultura com os depoimentos dos professores nas escolas de Manacapuru, percebemos que a escola poderia representar uma ferramenta para incluir os alunos nessa realidade. Em entrevista realizada no dia 2 de maio de 2021, o cirandista Gaspar Fernandes Neto sintetiza a importância do material produzido pelas três cirandas ao longo de duas décadas de Festival:

Se pensarmos na riqueza do material produzido pelas cirandas ao longo desses mais de vinte anos, teremos um incrível acervo histórico que poderia muito bem ser utilizados não só nas escolas fundadoras, mas em todas as escolas do Amazonas. Não se resume apenas nas danças, nas indumentárias, nas canções, mas sim em anos de pesquisas sobre os povos da região, sobre os problemas sociais que afligem nosso município. (FERNANDES NETO, maio de 2021).

Gaspar Fernandes Neto enfatiza que a função do cirandista é de criar a ideia principal e ir a fundo às raízes de Manacapuru para desenvolver essa ideia. Deve pensar na conexão entre o enredo, as canções, as fantasias, as coreografias e as

alegorias. Sobre a importância histórico-cultural das cirandas, complementa:

Posso afirmar que não se vive do passado, se vive do presente e do futuro. Porém, para se compreender as transformações pelas quais a cultura de um povo tem passado no decorrer dos tempos, se faz necessário conhecer como era antes no início de sua construção. As cirandas deixam esse legado, elas influenciam e são influenciadas pela própria história de Manacapuru. Exercem o papel de transmitir temáticas referentes às questões indígenas e povos que foram responsáveis pela formação social e cultural da região, bem como o meio ambiente. (FERNANDES NETO, maio de 2021).

A concepção do cirandista Gaspar Neto faz referência a um saber reunido ao longo dos anos e que resistiu e resiste aos apelos das mudanças estruturais da sociedade, ao mesmo tempo em que fundamenta a dinâmica cultural de tais práticas frente aos reclames da modernidade. Esse entendimento pode ser definido como cultura popular, explicada pelo antropólogo e estudioso das festas populares na Amazônia, Sergio Ivan Gil Braga (2004, p. 98), como:

[...] falar em cultura popular implica necessariamente lançar mão de múltiplos referenciais teóricos, não apenas de uma antropologia clássica que nos ensinou, entre outras coisas, a importância da diferença entre as sociedades humanas, como também da mudança cultural e das possibilidades interpretativas que permitem captar a singularidade do outro, mesmo que ele faça parte da mesma sociedade ocidental habitada pelo antropólogo.

Salienta ainda que o conceito de cultura popular depreende-se de lugares e de épocas determinadas. Para o autor, é sugestivo partir da ideia de fronteiras nacionais para descrição e análise de manifestações populares, por permitir que se fale de culturas populares brasileiras, portuguesas e de outras mais.

As transformações no meio social e cultural de uma sociedade são percebidas em suas festas como instrumentos que podem desempenhar funções por intermédio do controle social e rivalidade entre os grupos, que podem ser percebidas ou não pelos participantes, gerando conflitos entre as classes, pois retratam a vida a partir de seus valores. Conforme Braga (2009, p. 78):

No contexto da cidade: a cultura popular que está sendo produzida tem uma dinâmica própria, que de certa forma está em sintonia com o ritmo de pessoas que vivenciam diferentes situações e experiências. É aqui que adquire importância a sociabilidade, resultante da troca de experiências e saberes por meio do ritual e da festa, da ironia, do riso e da brincadeira, na transmissão da cultura popular dos mais velhos para os mais novos.

Desse modo, as festas, além de terem a função de alegrar, ajudam a compreender a diversidade das relações sociais estabelecidas entre os povos, pois os grupos sociais podem possuir um olhar diferente sobre a realidade cultural da região. Por isso, o Festival de Cirandas de Manacapuru é uma festa que alegra e ao mesmo tempo explica e contextualiza a história local por meio da narrativa envolvendo lendas e dramatização dos rituais indígenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Festival de Cirandas de Manacapuru povoa o imaginário Amazônico e, por isso, é um campo fértil para pesquisas e estudos nas áreas da Antropologia, da Educação, da Arte, do Meio Ambiente e de áreas afins. É uma festividade que permeia o município de Manacapuru há alguns anos, e se desenvolveu à medida que o município ganhou mais notoriedade na região. O que se iniciou de forma modesta, como uma simples brincadeira em escolas públicas, é hoje a marca da cidade, modificando o modo de vida da população e, principalmente a sua economia. É uma festa que possibilita a união de diferentes culturas e propõe um novo olhar sobre o dançar ciranda e a Amazônia, de modo mais consciente, levando em consideração as questões socioambientais.

Esta dissertação procurou não só conhecer as contribuições da festa na vida da população do município, mas também apontar caminhos para restabelecer a relação entre escola e ciranda, lançando um olhar diferenciado sobre a festa.

O Festival de Cirandas de Manacapuru além de representar uma manifestação cultural também tem sido instrumento de denúncias dos problemas sociais vigentes na Amazônia e no cenário nacional e internacional, pois a cada ano que passa as temáticas aprimoram a reflexão sobre a região, embora na essência sejam as mesmas referentes aos povos da Amazônia e à preservação da natureza, porém trazendo os problemas sociais contemporâneos à tona, divulgando e informando sobre as mudanças e os acontecimentos que afetam o cotidiano da sociedade.

Devido grande parte desta pesquisa ter sido realizada no período da pandemia do Covid-19, houve a preocupação de seguir todas as medidas de segurança durante as entrevistas. Tivemos como obstáculos as paralizações das atividades tanto nas escolas públicas quanto nas cirandas. Não houve a apresentação de Festival de Cirandas de Manacapuru no ano de 2020, os ensaios foram cancelados, e as escolas públicas passaram a adotar o sistema remoto de ensino.

Pelas informações obtidas nas entrevistas com o grupo de representantes das cirandas e o grupo de representantes das escolas, pôde-se observar que, para a maioria dos entrevistados, o Festival de Cirandas de Manacapuru é o responsável pelas mudanças tanto positivas quanto negativas na cidade haja vista o mesmo modificar sua estrutura.

Vimos no primeiro capítulo a evolução do Festival de Cirandas de Manacapuru, através do processo de incorporação de elementos característicos de cada localidade por onde a ciranda passou, e em Manacapuru as cirandas foram se modificando a medida que o próprio município foi se desenvolvendo. Esse fato foi identificado através de conceitos envolvendo a sociedade do consumo e a sociedade do espetáculo, além do contexto histórico, da tradição, do folclore. A evolução do Festival acompanhou a modernidade, pois as cirandas deixaram de ser desenvolvidas nas escolas, e passaram a possuir galpões próprios, sendo uma “brincadeira” com vários patrocinadores, se tornando uma festa promovida pela indústria cultural.

No segundo capítulo percebe-se as contribuições do Festival de Cirandas de Manacapuru para a melhoria das condições socioculturais do Município, e as influências cotidianas sobre os moradores. O Festival é considerado uma manifestação cultural de um povo com ênfase no desenvolvimento sociocultural de Manacapuru, pois a cidade se prepara e se transforma para a chegada dessa festividade e dos turistas. É notória a integração entre cultura e informação divulgadas nas festividades, principalmente nas temáticas escolhidas pelas cirandas. Atualmente, o Festival não é só um meio de divulgação da cultura do Município, é também fonte de renda para muitos moradores da cidade e pessoas de fora, que vislumbram essa festa como uma possibilidade de aumentar sua renda.

Com o intuito de entender qual a contribuição dos temas no contexto do Festival, houve a análise através de duas categorias, voltadas para expressar os problemas sociais relacionados ao homem amazônico e à natureza. A primeira categoria, que denominamos **Povos da Amazônia**, faz referência à história da região, do processo de colonização à renovação e exaltação da luta para a preservação da vida e cultura dos povos indígenas e do caboclo, o homem interiorano, o amazônida, expressão máxima da Amazônia. A segunda categoria denominada **Natureza**, englobando aspectos relacionados ao meio ambiente, preservação da floresta e belezas naturais da região, sendo identificadas também nas canções.

Já no terceiro capítulo, tínhamos em mente que além das questões políticas, econômicas e sociais, o Festival havia mudado consideravelmente a forma de como as cirandas eram vistas no âmbito escolar, com a existência de uma relação direta entre os dois segmentos. Ao longo da pesquisa observou-se que essa não era a

realidade nas escolas fundadoras das cirandas. A ligação entre a escola e as cirandas se dá muito mais por estas fornecerem seus galpões para as escolas efetuarem algumas atividades ou bailes de formatura, do que pelo incentivo ao estudo do material produzido pelas cirandas, ou seja, mitos e histórias sobre os povos amazônicos e até mesmo a estética das cirandas. A presença das cirandas nas escolas depende principalmente da vontade particular de alguns professores, que sem nenhuma obrigação curricular, desenvolvem atividades educativas e lúdicas, sobre os temas e sobre as danças desenvolvidas no ano de apresentação.

Através dos relatos dos professores das escolas fundadoras e dos representantes das cirandas, há a necessidade de se reestabelecer a ligação entre os dois segmentos, onde ambos poderiam ser beneficiados. Por isso, o pensar em educação e, sobretudo, no Festival de Cirandas de Manacapuru deve ser aberto e flexível, promover transformação para o município. Para tanto, devem ser superadas as limitações metodológicas e educacionais, promovendo um esforço contínuo e conjunto da sociedade. Assim, espera-se que essa dissertação possa contribuir para a formação e o entendimento dos moradores de Manacapuru em relação à importância de seu Festival, pois este expressa a tradição, o folclore e a manifestação cultural do município.

REFERÊNCIAS

23º FESTIVAL de Cirandas de Manacapuru. **Revista Cirandas**. Manacapuru: Editora Uirapuru, 2019. p. 23-28.

ALENCAR, Salomão Sousa. Entrevista concedida pelo Gestor da Escola Estadual Nossa Senhora de Nazaré a Robson França Francisco Rodrigues. Manacapuru, jun./2021.

AMORIM, Antônio Ailson Cavalcante de. Entrevista concedida pelo cirandista e historiador da Ciranda Tradicional, a Robson França Francisco Rodrigues. Manacapuru, mai/2021.

ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas do Brasil**. 2 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.

ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz**. São Paulo: Livrarias Duas Cidades, 1976.

ANJOS, Erondina dos. Entrevista concedida pela Diretora da Ciranda Tradicional a Robson França Francisco Rodrigues. Manacapuru, jul./2020.

BACHELARD, Gaston. **Epistemologia**. 2 ed. Tradução Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

BARROSO, Fredson José Moura. Entrevista concedida pelo professor de Artes da Escola Estadual Nossa Senhora de Nazaré a Robson França Francisco Rodrigues. Manacapuru, jun./2021.

BATISTA, Adriano Pereira. Entrevista concedida pelo Gestor da Escola Estadual José Seffair a Robson França Francisco Rodrigues. Manacapuru, mai/2021.

BATISTA, Iona Pereira. Entrevista concedida pela professora de Educação Física na Escola Estadual José Mota a Robson França Francisco Rodrigues. Manacapuru, mai/2021.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. Trad. Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectivas, 2005.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: formação social e cultural**. 3ed. Manaus: Editora Valer, 2009.

BORNHEIM, Gerd A. **O conceito de tradição**. Cultura brasileira: tradição e contradição. Rio de Janeiro: Zahar / FUNARTE, 1987.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. Culturas populares na cidade. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, R. (Orgs.). **Plural de cidade: novos léxicos urbanos**. Coimbra: Edições Almedina, 2004.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Festas religiosas e populares na Amazônia: Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades**. Coimbra, Oficina do CES, n.28, out., 2007.

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas: Papyrus, 1989.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Editora Gênese/EDUSP. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2000. Ensaio Latino-americanos.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1954.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Tradição: ciência do povo**. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- CAVALCANTE, Thyago. Entrevista concedida pelo cirandista da Ciranda Guerreiros Mura, a Robson França Francisco Rodrigues. Manacapuru, jun/2021.
- CAVALCANTE, Thyago. Entrevista concedida pelo compositor e historiador da Ciranda Guerreiros Mura a Robson França Francisco Rodrigues. Manacapuru, set/2019.
- CIRANDAS fazem espetáculos em Manacapuru. **Jornal do Comércio**. Manaus, ano 94, n. 37.616, 21 de ago. de 1998, p. A9.
- DA MATTA, Roberto. **Explorações: ensaios de Sociologia Interpretativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Trad. Terraviva. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DIAS, João Aluizio Piranha. **A festa do Çairé e a resistência indígena: uma experiência ancestral dos Borari em Alter do Chão, Santarém, Pará**. 2019. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.
- DIEGUES, Antônio Carlos; Arruda, Rinaldo (Orgs.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: SP, Edusp, 2001.
- DINIZ, Jaime. Ciranda: roda de adultos no folclore pernambucano. **DECA: Revista do Departamento de Extensão Cultural e Artística**. Ano 2, n. 3 – 3ª ed. Recife, UFPE, 1960. p. 15-19.
- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Trad. Plínio Dentizien. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- DURAND, Gilbert. **Estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FERNANDES NETO, Gaspar. Entrevista concedida pelo cirandista e historiador da Ciranda Flor Matizada, a Robson França Francisco Rodrigues. Manacapuru, mai/2021.

FERNANDES, Ana Rúbia Figueiredo. **Festival Folclórico de Parintins e Desenvolvimento Social**. Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais. Manaus, 2001.

FERNANDES, Ana Rúbia Figueiredo. **Festival folclórico: o que muda em Parintins**. Somanlu: revista de estudos amazônicos. Ano 2, n. 2 - Edição Especial. Manaus, Valer, 2002. p. 99-114.

FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FESTIVAL de Cirandas de Manacapuru 2019. Gamaniel Pinheiro discursa sobre a situação no fim da apresentação da Ciranda Guerreiros Mura: Tema: Tabaturana. 2019. (2h:12m:22s). Disponível em: <<https://youtu.be/ot1ucaMpu9c>>. Acesso em 1 de junho de 2020.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP. 1991.

HISTÓRICO do Festival de Cirandas de Manacapuru. Revista Extra Manacapuru. Manacapuru: Editora Uirapuru, 2011. p. 24-25.

HOBBSAWM, Eric John. **A era das revoluções 1789-1848**. Trad. Maria Tereza Teixeira e Marcos Pimentel. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

IANNI, OCTAVIO. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2001.

KUMAR, Krishan. **A Modernidade e Pós-Modernidade: A ideia do moderno**. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é o Imaginário**. São Paulo: Brasiliense. 2003.

LDB. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília:, Coordenação de Edições Técnicas do Senado Federal, 2017.

LIMA, Antônio Bruno Gomes de. Entrevista concedida pelo Diretor Geral da Ciranda Tradicional a Robson França Francisco Rodrigues. Manacapuru, jul/2020.

LIMA, Dimas Simas. Entrevista concedida pelo professor de Língua Inglesa da Escola Estadual José Mota a Robson França Francisco Rodrigues. Manacapuru, mai/2021.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: CEJUP, 1995.

MARTINS, João Paulo Silva. Entrevista concedida pelo professor de Artes da Escola Estadual José Mota a Robson França Francisco Rodrigues. Manacapuru, jun/2021.

MASINI, Elcie F. Salzano. Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In: FAZENDA, Ivani (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

MASINI, Elcie F. Salzano. Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In: FAZENDA, Ivani (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. São Paulo: EDUSP, 1974

MENDES, Liduína. **Em toada**. Manaus: Gráfica Sérgio Cardoso. 1988.

MENEZES, Marcos Amorim. **Cirandas de Manacapuru**: Recorrências metodológicas nos processos de criação em dança. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Dança) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2019, p.44.

MONTEIRO, Lurdem Cley. Entrevista concedida pelo compositor e cirandista a Robson França Francisco Rodrigues. Manacapuru, jul/2020.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem**: para uma nova antropologia. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido: a natureza humana**. 4ª ed. Lisboa. Publicações Europa-América, 1988.

NASCIMENTO, Alex Campelo do. Entrevista concedida pelo professor de Biologia e Matemática da Escola Estadual José Mota a Robson França Francisco Rodrigues. Manacapuru, mai/2021.

NIMUENDAJU, Curt. As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocuva-Guarani. São Paulo: USP/Hucitec, 1987.

Nogueira, Wilson de Souza. A espetacularização do imaginário amazônico no boi-bumbá de Parintins - Manaus: UFAM, 2013. 244 f.; il.

NOGUEIRA, Wilson. **Festas Amazônicas**: boi-bumbá, ciranda, sairé. Manaus: Valer, Série: Memórias da Amazônia, 2008.

ORTIZ, Renato. **Cultura e Modernidade**: A França do século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PINHEIRO, Erison. Entrevista concedida pelo cirandista a Robson França Francisco Rodrigues. Manacapuru, jul/2020.

PORTAL do rio. Instrumentos de Percussão. Disponível em: <http://rio.percuterreux.com/instruments-du-samba.html>. Acesso em: 02 de nov de 2020.

RAMOS, Ana Andréa. Entrevista concedida pela professora de Língua Portuguesa da Escola Estadual José Seffair a Robson França Francisco Rodrigues. Manacapuru, jun/2021.

ROCHA, Everardo. **O que é mito**. 5.ed. São Paulo: Brasiliense. 1991.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Educar e conviver na cultura global**: as exigências da cidadania. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de história**. Trad. Bárbara Sette. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1987.

SANTOS, Danielle Mariam Araújo dos. Entrevista concedida pela professora Dra. Danielle Santos a Robson França Francisco Rodrigues Manacapuru, jul/2020.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. Coleção primeiros passos; 110. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Adan Renê Pereira da. **A construção identitária dos cirandeiros do Festival de Cirandas de Manacapuru**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014. p. 115.

SILVA, Moisés Barbosa da. **Das intervenções urbanas aos espaços de consumo em Manacapuru**. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manacapuru, 2016. p.120.

SILVA, Timoteo Lima da. Entrevista concedida pelo professor de Biologia da Escola Estadual Nossa Senhora de Nazaré a Robson França Francisco Rodrigues. Manacapuru, jun./2021.

SOUZA, Anselmo Victor de. Entrevista concedida pelo professor de História na Escola Estadual José Seffair a Robson França Francisco Rodrigues. Manacapuru, jun/2021.

SOUZA, Elma Nascimento de. **Festibal de São Gabriel da Cachoeira**: festa e relações Interétnicas. 2019. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

TELES, Renato Conde. Entrevista concedida pelo Presidente da Ciranda Guerreiros Mura a Robson França Francisco Rodrigues Manacapuru, jun/2019.

VIEIRA FILHO, Raimundo Dejard. A festa do boi-bumbá em Parintins: tradição e identidade cultural. **Somanlu: revista de estudos amazônicos**. Ano 2, n. 2 - Edição Especial. Manaus, Valer, 2002. p. 27-34.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. Régis Barbosa e Karen Barbosa. v.2. São Paulo: UNB, 2004.

ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAZONAS - UFAM



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O FESTIVAL DE CIRANDAS DE MANACAPURU: DO SOCIOCULTURAL AO EDUCACIONAL.

Pesquisador: ROBSON FRANCA FRANCISCO RODRIGUES

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 44372920.3.0000.5020

Instituição Proponente: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

NÃO CONSTA NENHUM ÓBICE ÉTICO NO PROTOCOLO DE PESQUISA.

Considerações Finais a critério do CEP:

Em razão do exposto, somos de parecer favorável que o projeto seja APROVADO, pois o pesquisador cumpriu rigorosamente as determinações da Res. 466/2012.

É o parecer

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1653412.pdf	02/07/2021 13:12:07		Aceito
Outros	vv.pdf	02/07/2021 13:11:39	ROBSON FRANCA FRANCISCO RODRIGUES	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto6.pdf	02/07/2021 13:02:39	ROBSON FRANCA FRANCISCO RODRIGUES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	compactado.pdf	23/10/2020 17:38:08	ROBSON FRANCA FRANCISCO RODRIGUES	Aceito
Outros	ROTEIRODEENTREVISTAINDIVIDUAL.pdf	23/10/2020 17:36:37	ROBSON FRANCA FRANCISCO RODRIGUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLepropeda.pdf	23/10/2020 17:31:59	ROBSON FRANCA FRANCISCO RODRIGUES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	anuencia2.pdf	23/10/2020 17:28:51	ROBSON FRANCA FRANCISCO RODRIGUES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MANAUS, 18 de Julho de 2021

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Teresina, 495

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

Município: MANAUS

CEP: 69.057-070

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com